

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E TERRITORIALIDADES

GILIARD SOUSA RIBEIRO

PONTE ESTAIADA OCTÁVIO FRIAS DE OLIVEIRA:
ESPACIALIDADES E NARRATIVAS DE UM SÍMBOLO URBANO

Niterói
2017
(versão com erratas)



GILIARD SOUSA RIBEIRO

**PONTE ESTAIADA OCTÁVIO FRIAS DE OLIVEIRA:
ESPACIALIDADES E NARRATIVAS DE UM SÍMBOLO URBANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades (PPCULT) da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.

Orientador: Professor Dr. João Luiz Pereira Domingues

NITERÓI

2017

(versão com erratas)

R484 Ribeiro, Giliard Sousa.

Ponte Estaiada Octavio Frias de Oliveira : espacialidades e narrativas de um símbolo urbano / Giliard Sousa Ribeiro. – 2017.
112 f. : il.

Orientador: João Luiz Pereira Domingues.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense.
Departamento de Arte, 2017.

Bibliografia: f. 105-112.

1. Cidade. 2. Mercado. 3. Símbolo. 4. Arte urbana. 5. Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira (São Paulo, SP). I. Domingues, João Luiz Pereira. II. Universidade Federal Fluminense. Departamento de Arte. III. Título.

GILIARD SOUSA RIBEIRO

**PONTE ESTAIADA OCTÁVIO FRIAS DE OLIVEIRA:
ESPACIALIDADES E NARRATIVAS DE UM SÍMBOLO URBANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades (PPCULT) da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. João Luiz Pereira Domingues (orientador) – UFF

Professora Dra. Christina Vital da Cunha – UFF

Professor Dr. Orlando Alves dos Santos Júnior – UFRJ

Para Antonia Mota Sousa (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

À GC, minha mediadora, uma mulher nascida e crescida no Real Parque que me colocou em rede com a localidade e os entrevistados.

Ao meu orientador, João Domingues, pelas sugestões, paciência nos meus silêncios e por compreender minha realidade na produção dessa pesquisa.

Aos professores Luiz Augusto Rodrigues e Christina Vital pelas contribuições na banca de qualificação, obrigado pelo olhar atento e indicações bibliográficas.

Às professoras Marina Bay Frydberg, Ana Lucia Enne, Lívia de Tommasi, Christina Vital, Marisa Mello e Ermínia Maricato pelas aulas incríveis aqui no PPCult e na FAU-USP que me ajudaram a pensar a cidade e suas relações.

À Orlando Santos Junior por ter aceitado o convite para a banca.

À turma de 2015 da Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades por ter me fazerem acreditar na academia como um lugar de troca e afeto, em especial a Lilian Michelli Giovanelli (Mimi), Rodrigo Cotrim, Jailton Lira (Jailse), Daniel Hall e Eymard Ribeiro.

Aos meus amigos Alana Iria, Rodolfo Yamamoto, Silene Nunes, Mariah Freitas, Caetana Braga, Vanessa Pipinis, Raul Moraes, Nathalia Alves e Caio Nasser por me apoiarem antes e durante a pesquisa.

À Mariana Elena Pinheiro e família me acolherem sempre com tanto afeto durante o processo seletivo do mestrado.

À minha família, meus pais Sandra Sousa e Manoel Ribeiro, por me ensinarem a trabalhar duro e acreditar no final feliz e ao meu irmão Maurício Sousa, por me fazer sentir tão amado.

À Marco Albuquerque (Marquinho) por me ajudar nas transcrições, por agüentar minha instabilidade de humor, por ser quem é e principalmente pelo que se tornou ao longo da pesquisa.

Aos meus alunos do Centro Paula Souza por me darem força em continuar.

Ubuntu, eu sou porque nós somos!

[...] houve um tempo em que construíamos cidades para durarem. Hoje, a lógica do consumo integrou também o modelo de desenvolvimento urbano.

Santiago Calatrava, 2009

RESUMO

Símbolos urbanos são elementos que compõem a paisagem das cidades globais na condição de atributos que as tornam únicas, por um discurso materializado de cidade do futuro, ao mesmo tempo em que pasteuriza a experiência urbana. Desta forma, objetivo dessa dissertação é problematizar o “nascimento” e usos da Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira, novo cartão postal da cidade de São Paulo, localizada na região do Morumbi, um projeto de R\$260 milhões que favorece aqueles que possuem automóvel, em detrimento da mobilidade dos moradores da favela Real Parque. A partir da “descentralização” espacial do centro econômico da cidade em direção ao eixo sudoeste de São Paulo, observamos o surgimento o “Centro Berrini-Faria Lima”, território onde foi construída a Ponte Estaiada, uma região conhecida pela expressiva presença de bancos, empresas de comunicação e multinacionais. A ponte ao invés de unir os territórios separados geograficamente pelo Rio Pinheiros legitima a divisão, de um lado o mercado financeiro e do outro a favela Real Parque, um solo socialmente fragmentado, numa ponta os prédios espelhados, na outra os barracos de madeira cortinado por um urbanismo de fachada. Para tanto o texto é dividido em quatro capítulos, construindo uma narrativa que problematiza o nome, a construção, o uso e o território que a ponte foi construída, seguido de uma reflexão sobre o urbanismo de fachada, as estratégias do *city marketing* e a lógica da arquitetura-ícone. Por fim, no último capítulo me abro para uma escuta atenta dos moradores da favela do Real Parque, com a intencionalidade de refletir uma nova possibilidade de urbanismo, baseado na experiência cotidiana dos moradores

Palavras-chaves: Cidade; Mercado; Símbolo urbano; Ponte Estaiada.

ABSTRACT

Urban symbols are elements that compose the landscape of global cities in the condition of attributes that make them unique, through a “city of the future” materialized discourse, at the same time that pasteurise the urban experience. In this way, this dissertation purpose is to problematize the "birth" and uses of the Octavio Frias de Oliveira Bridge, a new postcard for the city of São Paulo, located at Morumbi's neighborhood, a project of R\$ 260 million that favors those with cars, to the detriment of the Real Parque slum residents and their mobility. From the spatial "decentralization" of the city's economic center towards the south-west axis of São Paulo, we observe the emergence of the Berrini-Faria Lima Center, where the Estaiada Bridge was built, a region known for the expressive presence of banks, Communication companies and multinationals. The bridge instead of uniting the geographically aperted territories along the Rio Pinheiros legitimizes the division, on one side the financial Market, on the other the Real Parque slum, a socially fragmented soil; at one end the mirrored buildings, on the other the wooden shacks surrounded by a facade urbanism. For this purpose, the text is divided into four chapters, constructing a narrative that problematizes the name, construction, use and territory the bridge was built on, followed by a reflection on facade urbanism, city marketing strategies and the logic of architecture-icon. Lastly, in the last chapter I put aside the theorists of urbanism and urban sociology and give voice to the residents of the Real Parque slum, intending to reflect a new possibility of urbanism, based on the residents daily experience.

Keywords: City. Marketplace. Urban symbol. Estaiada Bridge.

SUMÁRIO

Lista de ilustrações	12
Lista de abreviaturas, siglas e símbolos	15
Introdução.....	16
Capítulo 1 – Nasce um cartão postal.....	20
1.1. O nome.....	33
1.2. A construção.....	35
1.3. O território da ponte.....	38
Capítulo 2 – Chão de exclusão	44
2.1. Real Parque versus Ponte Estaiada.....	54
Capítulo 3 – São Paulo: Uma Cidade à venda.....	65
Capítulo 4 – Da ponte pra cá: Observação participante.....	80
4.1. O Rapper.....	81
4.2. A mediadora: GC.....	85
4.3. MC: Sujeito de terceiro setor.....	86
4.4. Os jovens da Companhia de Dança 7Artes.....	93
Considerações finais.....	100
Bibliografia Consultada.....	105

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Mapa do território em estudo

Imagem 2: Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira

Imagem 3: Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira II

Imagem 4: Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira III

Imagem 5: Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira IV

Imagem 6: Imagem aérea da Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira

Imagem 7: Capa da Revista VEJA SP Edição: 2031 - 24/10/2007

Imagem 8: World Bike Tour 2012

Imagem 9: Maratona Internacional de São Paulo de 2011

Imagem 10: Iluminação de natal na Ponte Estaiada

Imagem 11: Iluminação de natal na Ponte Estaiada II

Imagem 12: Desfile *ELLE Summer Preview*

Imagem 13: Edifício Birmann 21

Imagem 14: Centro Empresarial Nações Unidas, 2008.

Imagem 15: Os diferentes núcleos do Real Parque

Imagem 16: Mapa do Real Parque

Imagem 17: Real Parque em dezembro de 2011, durante o projeto de reurbanização.

Imagem 18: Foto panorâmica da favela Real Parque em 2010

Imagem 19: Foto panorâmica da favela Real Parque antes da reurbanização, em 2010

Imagem 20: Condomínios do Real Parque em dezembro de 2011

Imagem 21: Reurbanizações das gestões Maluf, Kassab e Haddad, setembro de 2012

Imagem 22: Real Parque em agosto de 2012, inauguração do projeto de reurbanização

Imagem 23: Diferentes reurbanizações da favela Real Parque.

Imagem 24: Barracos de madeira da favela Real Parque

Imagem 25: Bar da Cida, Pankararu.

Imagem 26: A favela num bairro de luxo.

Imagem 27: Grafitti do Sabotage pintado num muro dos conjuntos habitacionais do Real Parque

Imagem 28: Vista da Ponte Estaiada da favela Real Parque

Imagem 29: Cotidiano da Favela Real Parque

Imagem 30: Contraste da favela Real Parque com o CENU

Imagem 31: Muro que divide a favela do Real Parque da loja LeroyMerlin

Imagem 32: Deslocamento do centro financeiro de São Paulo

Imagem 33: Mapa da Sensações da SPTuris

Imagem 34: Material de divulgação das Centrais de Informação Turística

Imagem 35: Ponte Estaiada do município de Guarulhos

Imagem 36 Viaduto Estaiado Luciano Mendes de Almeida

Imagem 37: Ponte Estaiada Governador Orestes Quéricia

Imagem 38: Composição de imagens do limítrofe entre a parte pobre e a parte rica do RP

Imagem 39: Terreno da PMSP

Imagem 40: Ponte Estaiada Octavio Frias de Oliveira V

Imagem 41: Veículos nas calçadas do Real Parque

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

AMA: Atendimento Médico Ambulatorial

CENU: Centro Empresarial Nações Unidas

CPTM: Companhia Paulista de Trens Metropolitanos

DEM: Democratas

EMAE: Empresa Metropolitana de Águas e Energia

EMURB: Empresa Municipal de Urbanização

MPL: Movimento Passe Livre

OUC-AE: Operação Urbana Consorciada Águas Espraiadas

PE: Ponte Estaiada

PFL: Partido da Frente Liberal

PMSP: Prefeitura Municipal de São Paulo

PP: Partido Progressista

PSDB: Partido da Social Democracia Brasileira

PT: Partido dos Trabalhadores

RP: Real Parque

SEHAB: Secretaria Municipal de Habitação

SIURB: Secretaria Municipal de Infra-estrutura e Obras

UPA: Unidade de Pronto Atendimento

WTC: World Trade Center

INTRODUÇÃO

[...] é inútil determinar que Zenóbia deve ser classificada entre as cidades felizes ou infelizes. Não faz sentido dividir as cidades nessas duas categorias, mas em outras duas: aquelas que continuam ao longo dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e aquelas em que os desejos conseguem cancelar as cidades ou são por esta cancelados.

Conversa de Marco Polo com Kublai Khan (Italo Calvino)

Esta é uma pesquisa sobre as espacialidades e narrativas da Ponte Estaiada, objeto urbano da cidade de São Paulo, construída no bairro do Morumbi. A dissertação levanta historicamente as duas “categorias” de cidade, uma que continua ao longo dos anos se desenvolvendo cada vez mais, a região da Avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini, e a outra que é cancelada, ou ao menos invisibilizada, a favela Real Parque, ambas no mesmo território, unidas e separadas pela Ponte Estaiada.

Essa parte da cidade que se desenvolve, se projeta como nova centralidade em São Paulo, centralidade que é, em verdade, não um fato, mas um processo social, uma imposição espacial de poder econômico e político (FIX, 2007, p.14). Processo esse, também representado por objetos urbanos ou enclaves edificadas que altera a paisagem dessa “nova cidade” em São Paulo.

Desse modo, nessa pesquisa serão apresentados os conflitos que envolvem a Ponte Estaiada, uma obra que se tornou cartão postal da cidade, por sua grandeza e poder, afinal quem já passou pela Berrini, Morumbi ou ao longo da Marginal Pinheiros sabe que é impossível não percebê-la, sua grandeza funciona quase que magneticamente, os olhos se apercebem dela. Querendo ou não a ponte invade nosso campo de visão, às vezes ela se impõe de impacto, inteira, completa, enorme, já outras vezes, sua imagem vem aos poucos, por fragmentos, em pequenas partes, até tomar conta de todo nosso espaço visual.

Assim, em meio as inquietações na condição de morador e pesquisador na cidade de São Paulo, objetivo apresentar uma reflexão sobre uma intervenção urbana, a Ponte Estaiada Octavio Frias de Oliveira, problematizando essa intervenção à luz

do processo de produção capitalista de São Paulo e identificando algumas das contradições decorrentes das disputas em torno das representações e apropriações do território do qual a PE se encontra, a região Berrini.

Minha primeira aproximação acadêmica com a Ponte Estaiada foi em 2012, quando no trabalho de conclusão de curso em Gestão em Turismo do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), estudei os símbolos turísticos da cidade de São Paulo e desde então esse objeto urbano vêm me causando distanciamentos e aproximações, que antes, durante a graduação se limitou a levantamento bibliográfico e imagético, por delimitação metodológica da pesquisa.

Já nessa pesquisa, dentro do Programa de Cultura e Territorialidades (PPCult) da UFF na linha de pesquisa “Políticas, espacialidades e interações culturais”, com estudos que analisam as dimensões espacial e simbólica do território, compreendendo-o como espaços em construção, lugares em processo de significação, objetos de disputas e negociações, apresento uma abordagem descritiva e antropológica do objeto e dos sujeitos excluídos em meio ao processo de construção da ponte.

Por meio duma escuta e escrita atenta, fruto da observação participante e entrevistas com moradores tratados anonimamente na pesquisa, objetivo transpor no papel um olhar construído em conjunto com os entrevistados, atores que tem um lugar social, uma identidade estabelecida em diferentes domínios da favela Real Parque e que são vítimas dum urbanismo que desconstrói o processo político em nome de uma radicalização da valorização do solo urbano.

Observação participante essa que foi responsável por alterar os objetivos da pesquisa, já que o campo mais que “falou”, me proporcionou uma experiência sinestésica. Experiência essa, muitas vezes mediada por “GC”, uma espécie de “Doc”¹ para William Foote Whyte, uma agente que desempenhou o papel de conselheira a fim de evitar conflitos (como por exemplo, me inibir de fotografar a “boca do tráfico” da favela – algo que quase realizo sem perceber) e me apresentou a diferentes grupos

¹ “Doc” é o termo que define o informante-chave, uma espécie de mediador que garantiu o bom acesso à localidade e ao grupo social para William Foote Whyte, filho de classe média alta norte-americana, que pesquisou nos anos de 1930 uma área pobre e degradada da cidade de Boston, que resultou no livro *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*.

sociais e instituições que atuam e estruturam a área, uma mancha urbana ocupada por nordestinos desde a década de 1950 e que hoje possui mais de seis mil moradores.

Investigo os efeitos de sentido que a Ponte Estaiada, um projeto de R\$260 milhões, que nasceu para ser emblema na cidade de São Paulo, um objeto fetiche, um elemento da cidade mercadoria que segrega todos aqueles que não possuem veículo particular, já que na ponte não é permitido circular pedestres ou ciclistas.

A pesquisa está estruturada em quatro capítulos, o primeiro, *Nasce um cartão postal*, onde descrevo o “nascimento” desse símbolo urbano, seus impasses de construção ao longo de três gestões municipais, Marta Suplicy (2001-2004), José Serra (2005-2006) e Gilberto Kassab (2006-2012). Apresento os usos e mediação da PE, a escolha do nome da ponte, as alterações na construção do projeto e inicio a narrativa da edificação do território onde ela foi implantada.

No segundo capítulo, *Chão de exclusão*, discuto o contraste do Real Parque com a Ponte Estaiada. Abordo a produção de sentidos dum marco arquitetônico, símbolo da cidade moderna, que possui o entorno caracterizado pela presença de inúmeras edificações destinadas à classe média e média alta, como mansões e condomínios de luxo (D'ANDREA, 2008, p. 72), mas que simultaneamente divide espaço na paisagem com uma favela.

Já no terceiro capítulo, *São Paulo: uma cidade à venda*, apresento São Paulo como uma “mercadoria-cidade” (SÁNCHEZ, 2010), produto aparentemente terminado e trazido em uma imagem urbana, pronta para entrar em circuitos e fluxos de informação e comunicação internacional. Discuto esse processo de construção da cidade, a influência dos meios de comunicação e do mercado imobiliário na construção e consolidação dessas imagens e sua dependência na arquitetura icônica. Também construo uma narrativa da construção de dois símbolos da cidade de São Paulo e o *tresdobramento* do Centro Metropolitano para o eixo sudoeste da cidade (FRUGOLI JR, 2000).

Enfim, no quarto e último capítulo, *Da ponte pra cá: Observação participante*, me abro para escutar os sujeitos que caminharam comigo nessa pesquisa. Costuro

uma narrativa por meio das entrevistas e das minhas aproximações com o território, ampliando o escopo interpretativo. Busco compreender a experiência cidadina de morar num solo socialmente fragmentado, a dinâmica de muitas vezes residir num barraco de madeira inchada ou “predinho da reurbanização” cheio de rachaduras e ter como vizinho um edifício de vidro (FERREIRA, 2015).

Assim, a pesquisa será conduzida por estudos de teóricos do pensamento urbano marxista e narrativas da etnografia que formarão uma tessitura algumas vezes não linear, porém com a confiabilidade de depoimentos de atores como Rapper, estudantes, dançarinos, educadores, pessoas comuns com *tempo na comunidade*, com uma trajetória de ser *nascida e crescida em meio esse contraste*² (GC, 2015).

² GC é moradora do Real Parque e educadora social numa ONG da favela e foi mediadora nessa pesquisa com a localidade e entrevistados.

CAPÍTULO 1 – NASCE UM CARTÃO POSTAL

De longe, os cabos amarelos chamam a atenção de motoristas e passageiros em trânsito pela Marginal Pinheiros. Conforme o ângulo, as 144 hastes ganham formas distintas. Elas saem do topo de uma torre de 138 metros, em formato de X, para sustentar duas pistas que parecem flutuar no espaço. Estamos falando de um dos pontos mais altos da cidade – são 25 metros menos que o Edifício Itália, por exemplo. A arquitetura da Ponte Estaiada Jornalista Roberto Marinho se impôs no cenário paulistano mesmo antes de sua inauguração, prevista para março de 2008. E, seja qual for a avaliação sobre o resultado estético, a obra ainda em construção já se tornou uma referência pela complexidade de sua estrutura. Segundo seus doze projetistas, é um feito inédito no mundo das pontes e um desafio de engenharia por se tratar de duas pistas em curva conectadas ao mesmo mastro. A pista em curva exige cálculos diferentes para cada um dos cabos estais. Daí a dificuldade. Em Tóquio, no Japão, a Ponte Katsushika, concluída em 1986, apresenta um traçado em curva, porém com uma só pista. Há mais duas com o mesmo método construtivo da japonesa: uma em Parma, na Itália, e a outra em Montevidéu, no Uruguai.

Na semana passada, os operários se esmeravam em dar os arremates finais na torre, encerrando a etapa mais complexa da obra, cujo custo total estimado é de 230 milhões de reais. Parte desse valor será financiada com a venda, pela prefeitura, dos Certificados de Potencial Adicional de Construção (Cepacs), que permitem a construtoras erguer, em determinadas áreas, prédios acima da altura prevista para a região.

No final dessa conta, pelo que tudo indica, o trânsito vai melhorar. Para o morador do Morumbi, o fluxo da nova ponte promete diminuir os constantes engarrafamentos nos acessos ao bairro. Quem estiver na Marginal Pinheiros (sentido Santo Amaro) também poderá seguir até o Aeroporto de Congonhas direto pela Avenida Jornalista Roberto Marinho, antiga Avenida Água Espraiada, e fugir da caótica Avenida dos Bandeirantes. A nova ponte será a 13ª a cruzar o Rio Pinheiros. Inicialmente, o plano era diferente. “A licitação previa duas pontes estaiadas, mas uma ao lado da outra”, afirma o engenheiro Catão Ribeiro, referindo-se ao projeto encomendado na gestão Marta Suplicy. “Quando decidimos fazer uma ponte só, reduzimos os custos e criamos um marco único para a cidade.”

Para erguer o novo cartão-postal paulistano, a construtora baiana OAS, escolhida em licitação, assumiu a empreitada com o suporte de profissionais da empresa Mendes Júnior e sob a supervisão da prefeitura. Iniciada em 2003, a obra vai consumir 58 000 metros cúbicos de concreto, o mesmo volume utilizado no Cebolão, que interliga as marginais Pinheiros e Tietê. Alinhados, os 144 estais – 500 toneladas de aço – teriam 19 quilômetros de extensão.

[...] Quando a Ponte Estaiada Jornalista Roberto Marinho fizer oficialmente parte do mapa da cidade, em março do próximo ano, segundo as previsões, o trânsito será beneficiado principalmente nos acessos ao bairro do Morumbi e na Avenida dos Bandeirantes. Com capacidade para receber um fluxo de 4 000 carros por hora em cada pista, a ponte surge como alternativa à sempre engarrafada Ponte do Morumbi, por onde passam quase 7 000 veículos por hora no pico da tarde, entre 18 e 19 horas. “As melhorias serão visíveis”, aposta Norberto Duran, gerente de obras da Empresa Municipal de Urbanização (Emurb). Na avaliação dos técnicos da prefeitura, com o fluxo de carros pela nova ponte a velocidade na Marginal Pinheiros tende a aumentar. “Quem sai de Interlagos para o centro terá acesso direto à Avenida

Roberto Marinho”, explica Duran. Surgirá também uma rota opcional para o motorista que segue pela Marginal Pinheiros em direção ao Aeroporto de Congonhas. Basta atravessar a nova ponte e seguir pela Avenida Jornalista Roberto Marinho, a antiga Água Espraiada, até o aeroporto. “O volume de tráfego deve aumentar na Roberto Marinho e desafogar um pouco a Bandeirantes”, acredita Jaime Waisman, professor do Departamento de Engenharia de Transportes da USP. Para alcançar uma redução ainda maior no trânsito da Bandeirantes, a prefeitura precisa executar, além da ponte, a obra de prolongamento da Avenida Jornalista Roberto Marinho até a Rodovia dos Imigrantes – um trecho de 4,5 quilômetros programado para 2010. Assim, ao lado da Avenida dos Bandeirantes, os motoristas teriam uma via paralela de acesso ao litoral paulista. Enquanto o tráfego estiver sob controle, cada pista da ponte Estaiada terá duas faixas de rolamento. Para o caso de o trânsito piorar, já existe um plano B para o futuro. “Há espaço suficiente para fazer uma terceira faixa de cada lado, acabando com o acostamento”, afirma Leonardo Lorenzo, engenheiro da equipe de projetistas da ponte (BRISOLA, 2007)³.

A revista *Veja São Paulo*, em sua edição de 24 de outubro de 2007, escreveu que “nascia um cartão postal”, conferindo uma condição humana (o nascimento) a Ponte Estaiada. Além disso, como menciona Cotrim (2013, p. 45), a chamada da capa já atestava sua natureza de ser emblemática, mesmo antes de sua inauguração. Para fortalecer esse efeito de sentido, a capa mostra a construção da PE de baixo para cima, técnica fotográfica que intensifica sua grandeza e esplendor.

E assim “nasceu” a Ponte Estaiada, projeto do engenheiro Catão Francisco Ribeiro, sob a justificativa “desafogar” a Avenida Bandeirantes, como uma alternativa a sempre engarrafada Ponte do Morumbi, por onde passam quase 7 000 veículos por hora no pico da tarde, entre 18 e 19 horas, já que terá capacidade de receber um fluxo de 4 000 carros por hora em cada pista.

Globalmente conhecida, a ponte foi inaugurada em maio de 2008, após três anos de construção e faz parte do Complexo Viário Real Parque, porém sua construção foi idealizada já em 2003 quando a construtora OAS foi escolhida em licitação sob a supervisão da prefeitura, que então era ocupada pela Marta Suplicy, quando a mesma ainda era filiada ao PT.

Durante seu mandato Marta Suplicy ficou conhecida por desafiar a “máfia dos transportes”, que supostamente era um acordo entre empresários, concessionárias e sindicalistas com o objetivo de obrigar a prefeitura a conceder subsídios ou aumentar

³ BRISOLA, Fabio. *Ponte Estaiada é desafio para os seus 420 trabalhadores*. *VejaSP*. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/cidades/ponte-estaiada-desafio-para-os-seus-420-trabalhadores/>>. Acesso em: 05 jul 2017.

as tarifas (Roda Viva, 2004). Também foi responsável pela construção de 45 Centros Educacionais Unificados (CEUs), que, além de desempenharem o papel de instituição educacional, ofereceriam atividades extra-curriculares, como teatro, cinema e piscina. Porém, Marta foi alvo de críticas por reformular impostos existentes e criar novas taxas, como a Taxa do Lixo e a Contribuição Para Custeio da Iluminação Pública, um aumento de 24% em impostos, o que abalou sua popularidade na reeleição, onde foi derrotada por José Serra do PSDB.

Quando inaugurada em 2008, já na gestão de Gilberto Kassab, então filiado ao PFL, eleito após a renúncia do titular José Serra para se candidatar ao governo do Estado de São Paulo, a ponte já não tinha o mesmo nome do projeto, Ponte Jornalista Roberto Marinho, por conta da Lei nº14.454, de 27 de junho de 2007, que proíbe 2 logradouros terem o mesmo nome na cidade.

Em virtude de tal lei municipal, a Ponte recebe o nome de Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira, também jornalista, mas não um jornalista como Vladimir Herzog, vítima da ditadura e personagem icônica da construção da nossa democracia. A homenagem foi a Octávio Frias de Oliveira (1912 – 2007), empresário do Grupo Folha.

A PE está localizada numa “rica” – e cheia de contrastes – região da cidade de São Paulo, caracterizada pela forte presença de empresas multinacionais do setor de serviços e comunicação, economicamente importantes para a cidade, como Vivo, Claro, Rede Globo, Microsoft, HP, entre outras de grande porte. Esse novo signo⁴ urbano, a PE, encontra-se entre a Marginal Pinheiros e a Avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini, no entroncamento com a Avenida Roberto Marinho.

⁴ Um signo é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém (PEIRCE, Charles Sanders. Semiótica. São Paulo: Perspectiva, 2012).

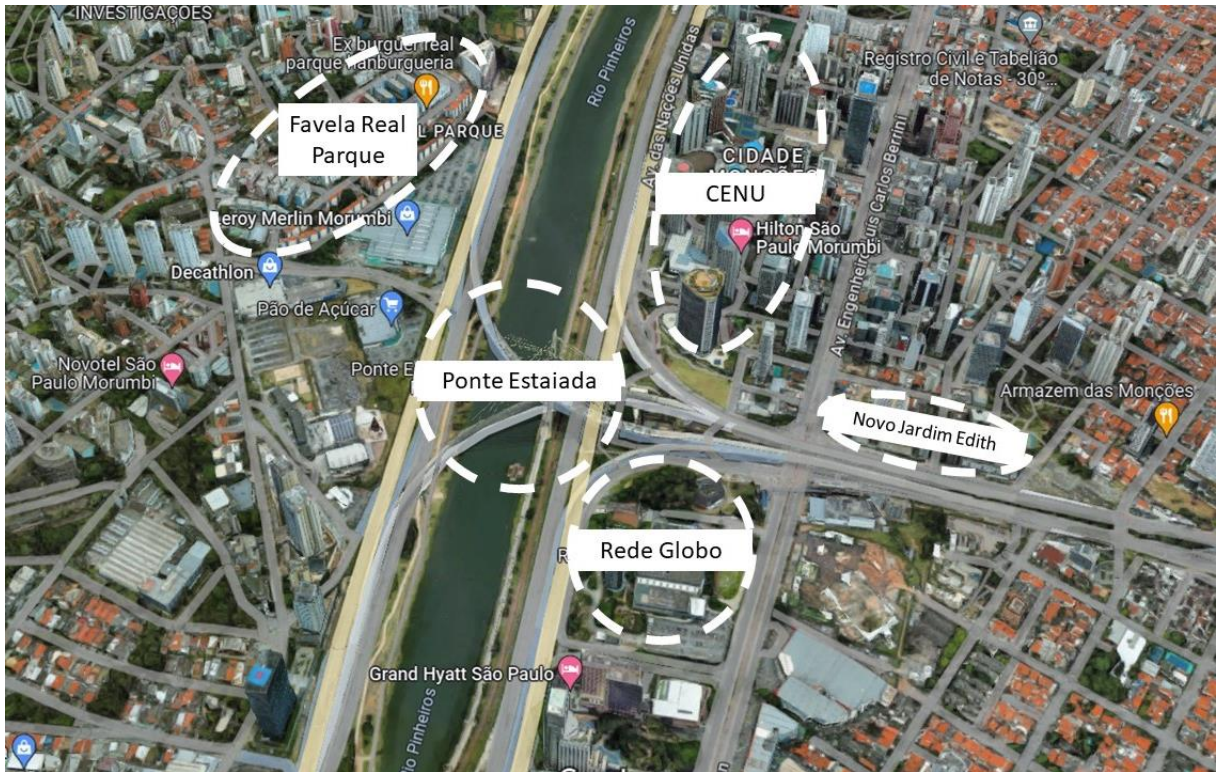


Imagem 1: Mapa do território em estudo. **Fonte:** elaboração própria.

A PE conecta a Avenida Roberto Marinho às Marginais do Rio Pinheiros nas duas direções e é um local de passagem fundamental para a movimentação nas grandes vias da cidade de São Paulo. Na época de inauguração da ponte, a PMSP divulgou massivamente que a obra facilitaria os caminhos para os diferentes bairros e regiões da cidade. Segundo umas das declarações oficiais do então prefeito, esse foi o principal motivo para a sua construção, Kassab disse que:

[...] a Ponte Estaiada permitirá a diminuição de 40 minutos do tempo de percurso de veículos da Marginal Pinheiros à região do Jabaquara e à Rodovia do Imigrantes, na zona sul. E completará, junto com o Rodoanel, os acessos diretos para todas as estradas (Portal G1, 2008)

No dia 10 de maio de 2008, aconteceu sua inauguração com uma série de manifestações que ocorreram paralelamente em suas pistas, com a presença de ciclistas e moradores locais que reivindicavam visibilidade e solução as suas demandas.

Já como exemplo de ritual de inauguração planejada pelo Estado, supostamente laico, houve o discurso do então Governador José Serra e do Prefeito Gilberto Kassab, a benção do Padre Marcelo Rossi e de Dom Fernando Figueiredo, o

então Bispo da Diocese de Santo Amaro (bairro próximo, e um dos mais antigos da cidade). Houve também o discurso da filha do jornalista Octavio Frias de Oliveira, e por fim, um desfile de carros antigos.

Já como exemplo de manifestação de diferentes grupos sociais, houve manifestação dos moradores do Jardim Edith, e outra do Movimento Bikers. Segundo o portal G1:

Nem tudo foi festa na manhã deste sábado (10) durante a inauguração da Ponte Octavio Frias de Oliveira, na zona sul de São Paulo. Ao mesmo tempo em que o prefeito Gilberto Kassab (DEM) fazia seu discurso, um grupo de manifestantes gritava palavras de ordem contra a obra. Ciclistas e representantes de moradores das favelas situadas ao longo da Avenida Jornalista Roberto Marinho chegaram cedo ao evento para fazer barulho. Os adeptos das bicicletas buscavam chamar a atenção para a política de transportes na cidade, enquanto os demais criticavam a oferta de novas moradias para pessoas carentes da região. O cicloativista Thiago Benichio, um dos que adotou o apelido “Estilingão” para se referir à ponte estaiada, afirma que cerca de 80 pessoas protestavam no local. A reunião que terminou com um piquenique no asfalto, foi organizada pela internet. Uma das críticas do grupo é de que a nova obra não atende à legislação municipal que prevê a inserção das bicicletas no sistema viário. A lei 14.266, sancionada em fevereiro de 2007 pelo prefeito Gilberto Kassab, estipula no artigo 11 que “as novas vias públicas, incluindo pontes, viadutos e túneis, devem prever espaços destinados ao acesso e circulação de bicicletas”. “É uma ponte que só privilegia o transporte que já se demonstrou ineficaz na cidade, basta ver o recorde de congestionamento de ontem. Ela é um símbolo da insistência de privilegiar o que é um erro”, afirma o cicloativista. (G1, 2008)⁵

Conforme apontado por Cotrim (2013, p. 174), na cerimônia oficial, realizada em uma tenda montada na pista superior da ponte, estavam presentes além das autoridades citadas, secretários do Estado e do Município e autoridades federais, como o então senador Eduardo Suplicy e o ex-prefeito Paulo Maluf. Além dessas autoridades, estavam presentes José Roberto Marinho, representando a Família Marinho da Rede Globo, a família do jornalista Octavio Frias de Oliveira, a viúva, Dagmar Frias de Oliveira e seus filhos, Maria Cristina, Otavio e Luís, o engenheiro Catão Francisco Ribeiro e funcionários envolvidos na construção, como o mestre de obras Abraão Daudi.

Em entrevista, Maria Cristina, filha de Octávio Frias de Oliveira afirmou que:

Uma ponte é sempre uma promessa de um encontro, de uma reunião, de uma convergência. Nesse sentido, o batismo dessa obra é uma homenagem

⁵ Imagem disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL465374-5605,00-INAUGURACAO+DE+PONTE+EM+SP+TEM+PROTESTO+POR+MORADIA+E+CICLOVIAS.html>

apropriada para quem conheceu Octávio Frias de Oliveira. Meu pai era um homem de diálogo, que gostava de aproximar as pessoas umas das outras, que gostava de promover a reunião de pontos de vista diferentes. Ele próprio foi a ponte do que muitas pessoas eram para o que viriam a ser (CREDENDIO; TAKAHASHI, 2008).

Dessa forma, “o homem do diálogo” foi homenageado com duas pistas independentes, curvas e estaiadas, que são conectadas a um mesmo mastro, que mede 138 metros de altura, o que a torna comparável com um prédio de 46 andares. A torre é ligada a 144 estais pintados de amarelo que se conectam na extensão das duas pistas de concreto de 900 metros cada uma. Sua iluminação é composta por holofotes, que normalmente projetam luz branca, mas que podem assumir outras cores, lançando na armação de concreto diversas combinações cromáticas.



Imagem 2: Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira

Fonte: Wilfredor, 2014 (licença *Creative Commons* domínio público). Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Oct%C3%A1vio_Frias_de_Oliveira_Bridge,_2014.jpg



Imagem 3: Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira II

Fonte: Dennis Fidalgo (licença *Creative Commons BY-SA*). Disponível em:
<https://openverse.org/image/495dce9a-a71d-4cb6-9547-5439c65e4ba1?q=ponte%20estaiada>



Imagem 4: Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira III

Fonte: Marcos Leal, 2008 (licença *Creative Commons BY-SA*). Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ponte_estaiada_Octavio_Frias_-_Sao_Paulo.jpg



Imagem 5: Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira IV
Fonte: A. Duarte, 2008 (licença *Creative Commons* BY-SA). Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Itaim_Bibi_SP.jpg



Imagem 6: Imagem aérea da Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira
Fonte: A. Duarte, 2008 (licença *Creative Commons* BY-SA). Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ponte_estaiada_Octavio_Frias_de_Oliveira_01_Sao_Paulo_2008_08.jpg



Imagem 7: Capa da Revista VEJA SP Edição: 2031 - 24/10/2007

Fonte: Mário Rodrigues/Abril Comunicações S.A.(imagem licenciada para o autor).

De acordo com Credendio e Takahashi (2008), a PE já nasce com manifestações:

Enquanto autoridades discursavam, três grupos fizeram protestos. O maior deles, com cerca de 40 ciclistas, reivindicavam a construção de ciclovias e reclamava da proibição de bicicletas sobre a ponte -a prefeitura alega questões de segurança para o veto. Outras 20 pessoas cobravam a despoluição do rio Pinheiros, que exala forte cheiro de esgoto. Um grupo menor também protestava contra a retirada das favelas da av. Jornalista Roberto Marinho. Em resposta aos manifestantes, Serra disse já ter áreas para moradias para as famílias que serão removidas. Também citou, em discurso, que o Estado está testando um sistema de flotação para reduzir a poluição do rio Pinheiros (CREDENDIO; TAKAHASHI, 2008).

Como elencou Cotrim (2013, p.190-202) muitos eventos programados aconteceram na PE durante seus primeiros anos de existência, provocando diferentes efeitos de sentido na cidade. Com um olhar diferenciado, rerepresentamos neste trabalho todos os eventos que originalmente foram levantados pela autora. Em 2008, quando a ponte ainda estava inacabada, recebeu as gravações do filme *Ensaio sobre a Cegueira* de Fernando Meireles, inspirado no romance de José Saramago⁶. Em 2013 foi cenário para o clipe *Sambas Urbanos* de Rodrigo Pitta⁷. Também no mesmo ano, a *World Bike Tour*, um evento sem objetivo competitivo em sua 5ª edição, teve a participação de 8000 ciclistas que preencheram a ponte montados em suas bicicletas. Outro evento esportivo é a *Maratona Internacional de São Paulo*, evento de atletismo que acontece na cidade desde 1995, da qual participa os principais atletas da modalidade do país e destaques do exterior, que percorrem 42,1 km, incluiu a PE em seu trajeto desde 2011.

Na publicidade os usos da PE são inúmeros, como a *Ponte Iluminada da Telefônica*, patrocinada pelas empresas Vivo (antiga Telefônica) e a Rede Globo, que transformou a PE em uma árvore de natal gigante. Já o desfile de moda *Elle Summer Preview*, transformou a PE em uma passarela para modelos internacionais, em comemoração ao 24º aniversário da revista. Outra publicidade que marcou presença na PE, foi a divulgação do *Grande Prêmio de Fórmula 1 no Brasil*, em que Emerson Fittipaldi correu a 200km/h com uma Lotus 72 do Shopping Cidade Jardim, passando pela Marginal Pinheiros e finalizando na PE⁸.

⁶ Imagem disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/apartes-antiores/revista-apartes/numero-4-dezembro2013/no04-sao-paulo-nas-telas/>

⁷ Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6gWjfmW_gaM

⁸ Imagem disponível em: <https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/2010/11/depois-de-37-anos-emerson-volta-pilotar-uma-lotus-leva-multa-e-chora.html>

A PE já foi utilizada até para ensaio fotográfico, como o da modelo Lorena Bueri, para campanha da marca Maria Louka, porém, a veiculação mais comum da PE são nos telejornais da Rede Globo, o *SPTV 1ª e 2ª edição* e o *Bom Dia São Paulo*, ambos transmitidos do *Glass Studio*⁹ que tem a ponte como pano de fundo¹⁰. Além dos telejornais, a imagem da ponte é comumente transmitida nas novelas da mesma emissora, como na cena de abertura da novela *Amor à Vida* de Walcyr Carrasco, em que a PE é figurativizada como emblema de São Paulo e aparece no encontro final do casal de bailarinos¹¹.



Imagem 8: World Bike Tour 2012.

Fonte: Luiza Sigulem/Folhapress, 2012 (imagem licenciada para o autor).

⁹ Estúdio panorâmico de vidro da Rede Globo.

¹⁰ Imagens da Ponte Estaiada nos telejornais da Rede Globo podem ser observadas em: Telejornal Bom Dia SP de 05/01/2017. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5557978/>; Telejornal SPTV 2 de 10/12/2016. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5505817/>.

¹¹ Imagem disponível em: <https://redeglobo.globo.com/novelas/noticia/2013/05/amor-vida-abertura-foi-feita-por-animador-do-filme-os-vingadores.html>



Imagem 9: Maratona Internacional de São Paulo de 2011
Fonte: Marlene Bergamo/Folhapress, 2011 (imagem licenciada para o autor).



Imagem 10: Iluminação de natal na Ponte Estaiada
Fonte: Rodrigo Capote/Folhapress, 2010 (imagem licenciada para o autor).

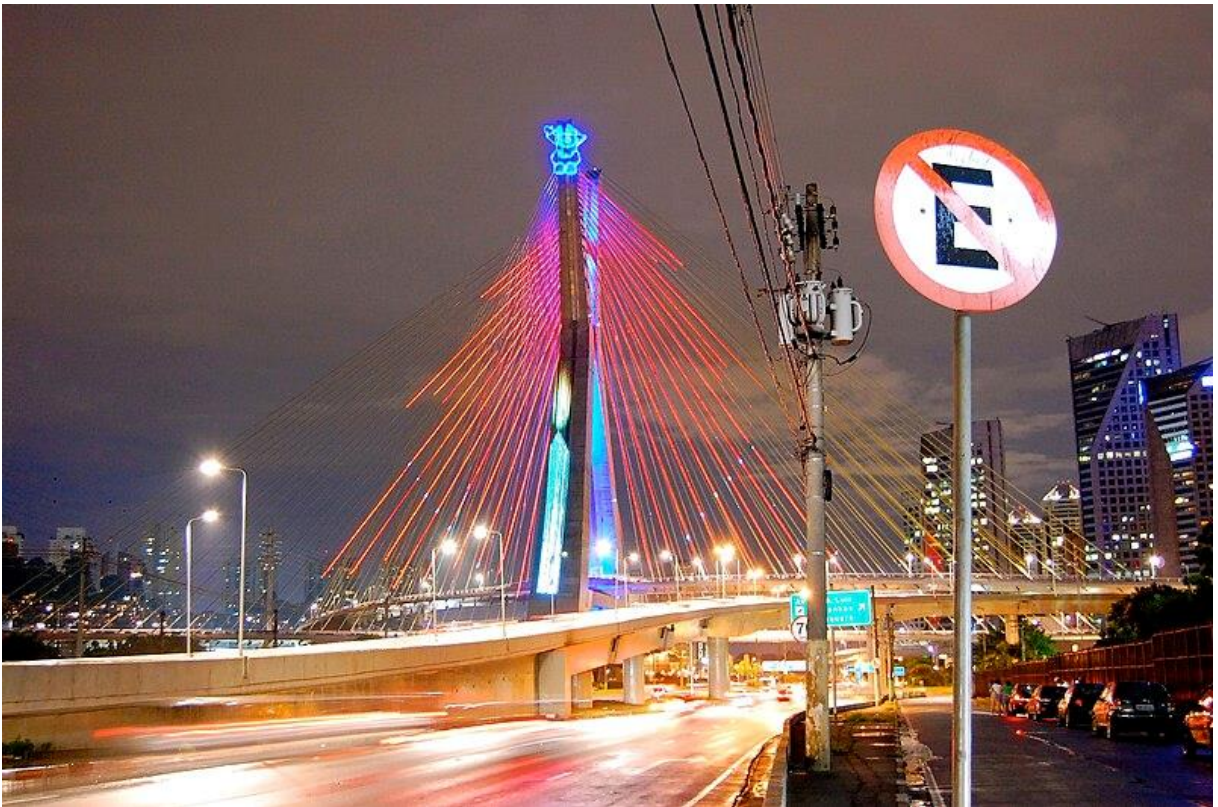


Imagem 11: Iluminação de natal na Ponte Estaiada II
Fonte: Luiz Pantoja, 2009 (licença *Creative Commons* BY). Disponível em:
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ponte_Estaiada_\(4214806398\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ponte_Estaiada_(4214806398).jpg)

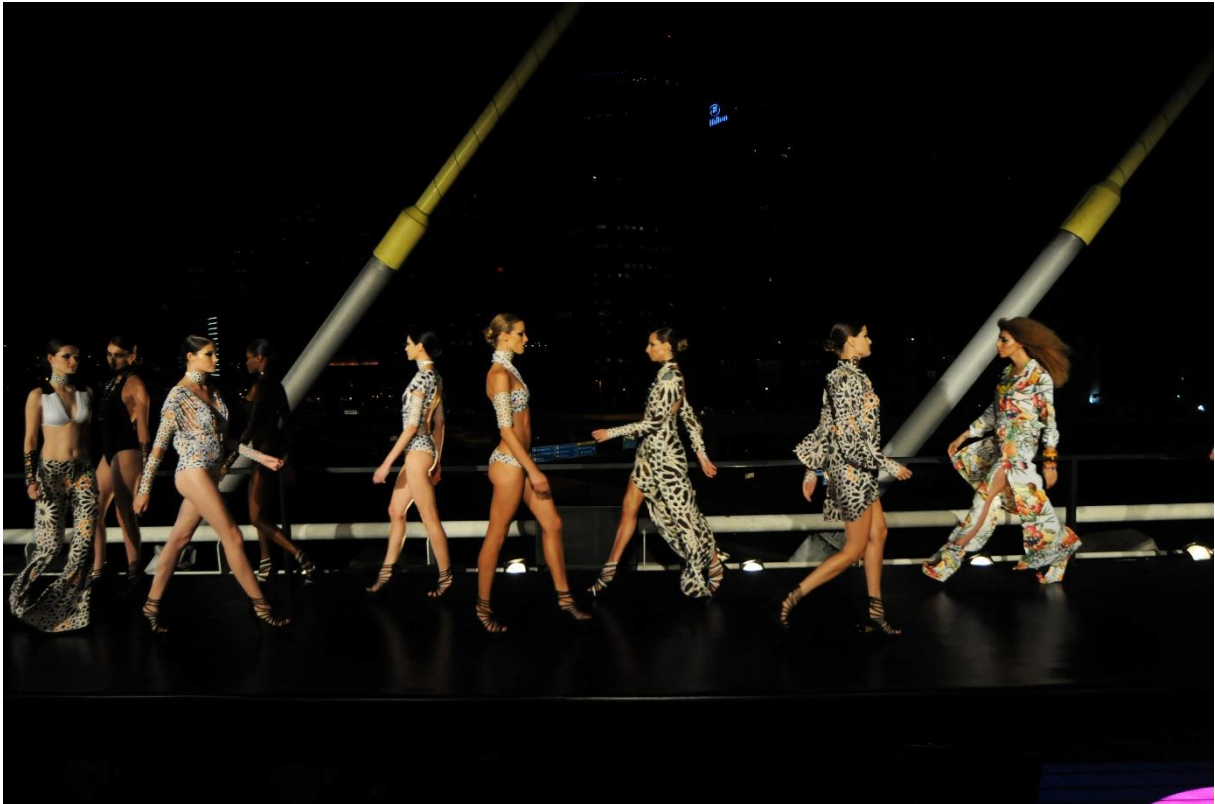


Imagem 12: Desfile *ELLE Summer Preview*

Fonte: Christian Tragni/Folhapress, 2012 (imagem licenciada para o autor).

1.1 O NOME: OCTAVIO FRIAS DE OLIVEIRA

Conforme já analisado por Cotrim (2013, p.36), o nome da PE diz muito de seu significado que agora retomamos para análise. No dicionário, o termo "ponte" é listado como substantivo feminino que significa "obra de aço, madeira, concreto armado, etc., destinada a proporcionar o mesmo nível de comunicação entre dois pontos separados por um curso de água ou a aliviar uma depressão". Em uma das derivações de seu significado, uma metáfora é apresentada como "qualquer elemento que crie uma relação entre pessoas ou coisas". Ponte é também relação.

Nessa pesquisa, a PE não é apenas um objeto carregado e valor, mas também sujeito dotado de dinâmica e sentidos para a cidade. Além do uso comum da passagem de automóveis e nas interações (de uso ou exclusão) entre a PE e os habitantes da cidade de São Paulo, é possível a existência de outras práticas e usos.

Continuando a análise verbal, no mesmo dicionário o vocábulo "estai", que dá origem à palavra estaiada, é apresentado como substantivo masculino que corresponde a "cada um dos cabos que sustentam a mastreação para vante (parte da

frente do navio)” ou “cabo de arame ou haste metálica inclinada que sustenta a chaminé ou outra peça do navio”.

Os estais, presos às vias, seguem em direção longitudinal até a parte final superior das hastes da ponte, proporcionando um entrelaçamento de intensa visualidade na paisagem urbana. O engenheiro do projeto, Catão Francisco Ribeiro (2009), afirmou que “o mastro único para dois tabuleiros (vias) provoca inédito entrelaçamento dos estais após o cruzamento das pistas”. A sequência paralela dos estais amarelos formam vários triângulos que, na convergência, tanto visual como real, com o mastro e os tabuleiros, provocam diferentes visões, dependendo do ponto em que se esteja observando a ponte.

O amarelo do polietileno, brilhante e reluzente ilumina o visual. Trata-se de uma cor primária, clara, que normalmente está associada ao sol. Nessa escolha cromática percebemos uma intencionalidade de quem planejou o efeito que observamos. Em entrevista a Revista Rodovias e Vias, o engenheiro Catão Francisco Ribeiro (2009), declarou que:

[...] a decisão de usar o amarelo levou em conta o entrelaçamento visual dos estais, em razão do cruzamento entre as pistas. Se a opção fosse por uma cor escura, haveria um efeito visual ‘sujo’. Já com o amarelo, criou-se uma espécie de névoa brilhante (RIBEIRO, 2009).

Assim, observamos que termo náutico que configura à vela e ajuda na manobra de uma embarcação foi incorporado a construção das pontes, mas isso não é tão recente como a construção das pontes propriamente ditas, já que em algumas estruturas como passarelas já se usavam os cabos para sustentação. Com o desenvolvimento da tecnologia e dos materiais, temos um aperfeiçoamento dessa técnica como uma alternativa eficaz para transpor grandes vãos, possibilitando a utilização de estruturas mais leves, esbeltas e econômicas (Mazarim, 2011).

Para finalizar a análise verbal do nome da PE, a construção faz homenagem a Octavio Frias de Oliveira. Jornalista e editor da Folha de S.Paulo, Frias era, antes de tudo um grande empreendedor. Anteriormente à aquisição do jornal, o empresário fundou um Banco Imobiliário (Banco Nacional Interamericano), foi empresário na construção civil, onde levantou vários edifícios, entre eles o Copan e fundou a Estação Rodoviária de São Paulo (antiga rodoviária da Luz).

Cotrim (2013, p. 37-38) ressalta que Octavio Frias foi sócio do empresário Carlos Caldeira Filho (1913 – 1993), e compraram em 13 de agosto de 1962, a Folha de S.Paulo, que disputava com o "Diário Popular" a posição de segundo jornal da capital paulista (o primeiro era "O Estado de S.Paulo") e que atravessava período de dificuldades financeiras. Como praticamente toda a grande imprensa brasileira, a Folha apoiou o golpe militar que se instaurou no país em 1964 (Folha de S.Paulo, 2011).

Em 1965, comprou também os jornais populares "Última Hora" e "Notícias Populares" e ainda um terço da TV Excelsior (que entrou no ar em 9 de julho de 1960 e fechou as portas em definitivo em 30 de setembro de 1970), então líder de audiência, e dois anos depois, foi relançada a "Folha da Tarde" e surgiu o "Cidade de Santos". Assim, podemos observar que a PE já nasce com a força de um nome com poder.

1.2. A CONSTRUÇÃO

Tanto a PE, bem como as alterações viárias da região, ocorreu pelas ações do poder público, viabilizadas pela Operação Urbana Consorciada, um instrumento de política urbana prevista na Lei Federal nº 10.257/2001, mais conhecida como Estatuto da Cidade. A Operação Urbana Consorciada é o conjunto de intervenções e medidas coordenadas pelo Poder Público Municipal que objetivam alcançar em uma nova área de transformações urbanísticas estruturais, melhorias sociais e valorização ambiental, por meio da participação dos proprietários, moradores, usuários permanentes e investidores privados (artigo 32 da Lei Federal nº 10.257/2001).

Desse modo, Cotrim (2013, p.113) sinaliza que a construção do Complexo Viário Real Parque foi parte desse programa de urbanização, denominado Operação Urbana Consorciada Águas Espaiadas (OUC-AE), que também contempla a reurbanização dos eixos Berrini/Marginal/Chucri Zaidan. Assim, através desse programa legalizado, a PMSP um novo plano urbano para a região.

As OUC previam a venda de Certificados de Adicional de Construção (CEPACs) da região. Isso significa que permite mudanças nas leis de zoneamento que estabelecem padrões de construção para a cidade. Essa atividade teve início na

gestão de Marta Suplicy (2001-2004), quando foram regulamentadas os CEPACs, títulos emitidos pela Prefeitura e utilizados para o pagamento de obras ou leiloados na Bolsa de Valores.

A OUC-AE viabilizou as construções da PE e das habitações de interesse social do Novo Jardim Edith e do Real Parque. Na atual fase da operação, está prevista a construção de estações de monotrilho, ligando o Aeroporto de Congonhas à Estação Morumbi da Linha 9-Esmeralda da CPTM. O monotrilho da linha 17 Ouro do metrô irá conectar a região da PE à região do Jabaquara e à Rodovia dos Imigrantes, que dão acesso às praias do Estado de São Paulo.

O projeto de construção da PE foi iniciado na gestão Marta Suplicy com licitação para realizar a edificação da obra. No edital, foi solicitado um projeto básico, com duas pontes estaiadas que passariam sobre o Rio Pinheiros. A licitação foi vencida pela Enescil Engenharia de Projetos, onde no projeto básico apresentou duas pontes separadas, com vias estaiadas que seriam suportadas por mastros vermelhos (cor símbolo do partido da então Prefeita, Marta Suplicy, o PT), representando a cidade e o Estado de São Paulo¹².

Cotrim (2013, p. 127) descreve que:

No período de desenvolvimento do projeto a empresa Enescil contou com a participação de uma consultoria francesa, contratada pela Prefeitura de São Paulo, que trouxe o engenheiro Guy Fremont, da Jean Muller International, e o arquiteto Charles Lavigne, da Charles Lavigne Architecte, ambos experientes nesse tipo de construção viária. Os consultores fizeram um estudo próprio, que auxiliou na estruturação do projeto executivo das pontes. A dupla propôs no-vas técnicas de engenharia e de posicionamento das torres, que viabilizaram a junção de ambas, que seriam suportadas com o entrelaçamento dos estais em um mesmo mastro.

Ainda segundo Cotrim (2013, p.127), a OAS Construtora, também selecionada por meio de licitação, construiu a PE com o apoio profissional da empresa Mendes Junior e supervisão da PMSP. A construção, iniciada em 2003 e concluída em 2008, envolveu 420 trabalhadores, a maioria imigrantes nordestinos e moradores de favelas.

De acordo com Tiaraju (2008, p. 81):

¹² Imagens do projeto inicial da Ponte Estaiada disponível em: <https://metalica.com.br/ponte-estaiada-octavio-frias-de-oliveira-em-sp-2/>

“(…) a Ponte Estaiada é uma das maiores obras construídas pelo poder público na cidade de São Paulo. O projeto inicial da Ponte, realizado pela gestão da prefeita Marta Suplicy (PT/2001-2004), previa um gasto de R\$ 147 milhões. Quando de sua assunção ao cargo de prefeito, José Serra (PSDB/2005-2006) afirmou que a Ponte Estaiada era “inútil” e “faustosa”. Remodelando-o, orçou o projeto em R\$ 85 milhões. Por fim, em maio de 2008, a Ponte foi inaugurada pelo Prefeito Gilberto Kassab (PFL/2007-2008), com a presença do Governador José Serra (PSDB/2007-2010), com um gasto total estimado em R\$ 260 milhões”.

Desse modo, foi previsto um custo de aproximadamente 184 milhões de reais para a construção da PE e mais 40 milhões para a sinalização viária, drenagem e pavimentação. Mas, durante a construção, ocorreram alguns fatos que atrasaram a conclusão da obra, sendo a primeira foi a troca de mandatos da PMSP, pois quando o então eleito Prefeito José Serra suspendeu a construção da obra e solicitou uma revisão de todo o projeto para analisar sua viabilidade, fato que postergou a construção por alguns meses

Durante a construção da PE, muitos urbanistas se opuseram à sua realização, fazendo saber que, em suas opiniões, a PE apresentava outros objetivos, como o de consolidar essa nova centralidade para a cidade, pautados na idéia de Frugoli Junior (2000), desse modo atendendo unicamente os interesses particulares dos envolvidos na construção dessa “nova São Paulo”.

Conforme observou Cotrim (2013, p.130) existiam posicionamentos contrapostos. As críticas da época consideravam a PE uma construção desnecessária. Segundo eles, os agentes envolvidos no projeto tinham interesses econômicos e seu objetivo é integrar a área a mais nova espacialidade empresarial e global da cidade de São Paulo, a fim de atrair investidores e novas empresas para cá.

Segundo Mariana Fix (2007, p. 41), a solução dos tabuleiros suspensos por cabos – ainda pouco experimentada no Brasil, criou o espetáculo desejado pela prefeitura, que pretendia dar um “show” para o mercado imobiliário, por meio do projeto “chamariz”, mais do que uma solução para problemas rodoviários

Em oposição ao discurso de Fix (2007), o engenheiro Catão Francisco Ribeiro (2008), em entrevista ao Portal Metálica de Engenharia Civil, representando o posicionamento da PMSP e das empresas envolvidas na construção da PE, afirmou que o mastro em “X” surgiu das necessidades estruturais criadas pela situação

infraestrutural da região, onde decorreram diversas outras obras, como o canal de adução e a estação de bombeamento do córrego Águas Espriadas da EMAE e as linhas de transmissão Eletropaulo, além dos trilhos da CPTM e a via da própria Marginal Pinheiros, todas obras complexas e de difícil transposição.

Já em outra entrevista, Ribeiro (2008) afirma que a solução do entrelaçamento das pontes em uma única obra com a configuração em “X” não era consenso por parte dos envolvidos no projeto, já que alguns a viam como uma solução grosseira, segundo ele para resolver esse problema, o arquiteto João Valente foi contratado para deixar a obra mais bonita e elegante, desenhando linhas arredondadas e escolhendo decorações e cores para encontrar um equilíbrio harmonioso que hoje pode ser visto na PE.

Para quem se opôs a construção da PE, como a urbanista Mariana Fix, a ponte se constituiria como uma marca e edificação simulacro que projeta a cidade global (FIX, 2007). Essa ideia de cidade global teve forte influência da Rede Globo que a midiaticizou, conectando sua imagem em rede com o mundo por meios dos telejornais e novelas que a utilizavam como pano de fundo ou cenário, respectivamente.

De acordo com Nogueira (2008), o site da PMSP afirma que “A ponte estaiada virou ponto de referência na cidade antes mesmo de ficar pronta”. Ao longo da construção, diferentes empresas de comunicação, como agências de publicidade, revistas e emissoras de televisão utilizaram a ponte como cenário para comerciais, gravações e fotos publicitárias. Vale destacar que estudantes de arquitetura e engenharia de diferentes universidades também visitaram a obra da ponte.

Nesse discurso, percebemos a intencionalidade de se fazer a ponte, mais que um eixo de transposição de veículos e sujeitos, mas um emblema, um novo ponto de referência, marcado de aspectos simbólicos e midiáticos

1.3. O TERRITÓRIO DA PONTE

Segundo Fix (2007), o desenvolvimento da Berrini é dividido em três períodos. A primeira caracteriza-se pela construção dos primeiros grandes edifícios às margens

do Rio Pinheiros entre 1973 e 1980 - o Centro Empresarial São Paulo e o edifício "Bratkelândia" (construtora Bratke-Collet). O segundo período, de 1983 a 1995, permitiu ao capital privado reduzir os riscos de investimento, tornando alguns edifícios financeiramente viáveis com fundos de pensões e subscrevendo riscos de investimento através da Estratégia Empresarial Urbana do país ou da sua formulação. Alguns exemplos desse período incluem o Birmann 21 (uma conquista inicial para a internacionalização da arquitetura e instalações), o São Paulo Office Park (Fundação Previdenciária de Empresas Privadas) e o World Trade Center (apoiado por diversos fundos de investimento). Finalmente, a partir de 1998, graças à estabilidade econômica e ao entusiasmo pelo imobiliário, atingiu-se um período final, tendo como ponto de viragem a construção do CENU - Centro Empresarial Nações Unidas (financiado pela Caixa Econômica Federal).

Esses diferentes períodos marcaram o que se tornou a Avenida Luis Carlos Berrini, pois cada um deles instalou novas edificações que alteraram a espacialidade do lugar. As construções de cada período foram responsáveis por imprimir novas características na paisagem que produziu novos sentidos à região e a vida dos moradores e transeuntes, ambos os sentidos ligados a imagem de cidade do futuro, como analisa Cotrim (2013, p. 86).



Imagem 13: Edifício Birmann 21

Fonte: Felipe Mostarda (licença *Creative Commons* BY). Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Birmann_21_\(By_Felipe_Mostarda\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Birmann_21_(By_Felipe_Mostarda).jpg)



Imagem 14: Centro Empresarial Nações Unidas, 2008.

Fonte: Dornicke (Domínio público). Disponível em:
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Marginal_Pinheiros_\(CENU-Globo\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Marginal_Pinheiros_(CENU-Globo).jpg)

A Construtora Bratke-Collet foi a primeira a se interessar em promover a transformação da Avenida Luis Carlos Berrini. Na década de 1970, definiram se especializar em edifícios de escritórios, inaugurando um estilo próprio e inovador para a época, o que foi fundamental para o sucesso da empreitada. O objetivo a princípio era se diferenciar das grandes construtoras que dominavam o mercado de construções residenciais e de escritórios localizados na região da Avenida Paulista e da Faria Lima.

Segundo Cotrim (2013, p.88), a intenção da construtora era atender o mercado de empresas de médio porte, oferecendo-lhes espaços flexíveis e soluções estruturais mais moderna por um preço atrativo, o que rompeu o estabelecido no modo de trabalhar das demais construtoras. Boa parte dos edifícios da Bratke-Collet tinha a mesma característica arquitetônica, construções em média de doze andares, com o andar térreo aberto e livre e uso de materiais de acabamento mais rústico.

A chegada da construtora Brakte-Collet na região da Avenida Luis Carlos Berrini fez com que a área ganhasse um novo perfil, uma nova configuração que tornou a região um centro de negócios. Inclusive, a empresa se denomina como “a construtora que inventou a Berrini”.

No site da Brakte-Collet, encontramos uma versão que enaltece a história de Roberto Bratke e Francisco Collet. Uma narrativa que sinaliza que ambos identificaram uma grande área e tiveram uma visão de futuro. Tratava-se de uma região alagadiça, sem relações importantes com demais regiões da cidade. Trataram de construir prédios de escritórios de acordo com a nova era digital que vinha pela frente, edifícios modernos com grandes vãos e sem pilares. Em cerca de vinte anos construíram 60 edifícios, mais de 800 mil m² e assim “deram vida” a avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini (Construtora Bratke-Collet, s/d).

Assim, parte do cenário que existe atualmente na Avenida Berrini é resultado dessa verticalização construída por um único agente privado, que foi responsável por fazer o desenho urbano da avenida de acordo com seus interesses, alterando assim a espacialidade dessa parte da cidade.

Com esse mesmo crescimento, em maio de 1982 o Morumbi Shopping foi inaugurado, reafirmando essa nova configuração do território, pois se tratava do maior centro comercial do país na época, localizado no lado sul da Avenida Berrini, próximo a Ponte do Morumbi. E com ele, ocorreu uma ampliação de público na região.

Porém, como observa Cotrim (2013, p. 93), sua localização ainda era tida como distante por parte da população, assim o novo shopping adotou um posicionamento mercadológico que se comparava à cidade. Ainda hoje ele se apresenta como um centro de consumo e lazer para a cidade de São Paulo, tendo como slogan “Completo como São Paulo”. No texto do site Morumbi Shopping diz que:

[...] está localizado na zona sul de São Paulo, em uma área de forte presença de escritórios de grandes empresas, dentre eles, o Centro Empresarial, os estúdios da Rede Globo, enormes torres de escritórios como o American Business e a nova sede do Bank Boston. A poucos metros do shopping estão localizados alguns dos melhores hotéis da cidade, como Hilton, Hyatt e Sheraton São Paulo WTC Hotel. Próximo ao shopping, está uma das regiões residenciais de maior poder aquisitivo da cidade (Morumbi Shopping, s/d).

Na década de 1990, a Berrini recebeu grandes e diversos edifícios empresariais e comerciais, construídos por novas construtoras que decidiram investir na área, especialmente nos terrenos ainda vazios ao longo da Marginal Pinheiros.

De 1995 a 1998, foram inaugurados importantes edifícios na região, como o Edifício Mandarin na Plaza Centenário, mais conhecido como Robocop, World Trade Center e WTC Sheraton São Paulo Hotel. Segundo Fix (2007), esse período foi marcado por novas estratégias empresariais. A principal característica do período foram os grandes fundos de pensão na viabilização financeira dos edifícios, onde edifícios foram construídos por uma Fundação Previdenciária de empresas privadas. O período também é marcado pelos diversos fundos de investimento e marcaram o começo da internacionalização da construção empresarial.

Por conta da estabilidade econômica do país no início dos anos 2000, o setor imobiliário cresceu e gerou um período de grandes construções na área. Um bom representante dessa fase é o CENU, um complexo comercial divulgado como o maior complexo empresarial da América Latina, onde estão localizados um dos maiores edifícios do país, incluindo o famoso Hotel Hilton de São Paulo, que possui uma ligação subterrânea com o WTC.

Como aponta Cotrim (2013, p 94), localizado exatamente em frente a PE, nas torres do CENU estão reunidas muitas companhias, boa parte internacionais e ligadas a atividades de comércio de bens e à prestação de serviços (setor terciário), como a Sky, General Eletric, HP do Brasil e Microsoft. Para sua construção, o CENU contou com vários fundos de investimento, dentre eles o da Caixa Econômica Federal, introduzindo o poder público como agente dessa história, porém com objetivos mais comerciais de que como administrador do bem público.

Além da forte presença empresarial, a região se tornou conhecida no segmento do comércio, em que são encontrados os shoppings Marketplace, D&D, além do Morumbi Shopping, as lojas de decoração e materiais de construção como Etna, C&C e Leroy Merlin. A região também é reconhecida pela indústria hoteleira instalada no local.

Assim, “nessa São Paulo” foi produzida uma nova visualidade com a construção dos edifícios tecnológicos, transformando em um polo empresarial midiático e de serviços de alto poder econômico. Além disso, foi nesse período que se constituíram os fazeres de empresas internacionais que trouxeram visibilidade e título de uma cidade global. Segundo Carlos:

[...] uma das características da chamada “cidade mundial” é a emergência do setor de serviços altamente especializados, articulando espaços com uma racionalidade e eficiência assentada na competitividade e estabelecida em padrões impostos internacionalmente. É esse comportamento que se vislumbra em São Paulo (CARLOS, 2002, p.139).

Nos anos 2000, os lançamentos começaram a se ampliar em todas as direções da avenida, uma nova configuração imagética começou a surgir na região: o aparecimento de prédios completamente fechados com vidros refratários e brilhantes nas fachadas, o grande uso de placas de alumínio e cimento claro. Essa nova fase diminuiu o domínio do discurso visual impresso pela Bratke-Collet e promoveu uma nova configuração presente até o momento. Em torno da avenida, existem aproximadamente cem edifícios comerciais.

Enquanto do outro lado da PE, observamos o oposto. No bairro Real Parque, também no distrito do Morumbi, a poucos metros do CENU, desde os anos de 1960, homens pobres constroem seus barracos na antiga favela da Mandioca, atual favela Real Parque, em sua maioria, migrantes nordestinos, trabalhadores da construção civil, moradores que provocam o contraste pobre em um bairro majoritariamente rico.

CAPÍTULO 2 – CHÃO DE EXCLUSÃO

*Eu abro a janela do meu barraco, eu olho lá pro outro lado/
 Tá lá de frente estampada pra minha quebrada/
 O novo cartão postal a Ponte Estaiada
 Eu ligo a TV tá lá, no Bom dia São Paulo
 No SPTV primeira segunda edição
 Minha quebrada estampada, igual um papel de parede
 (...).
 Eu olho pro chão, o chão é dividido/
 Uma parte com terra, outro com cimento/
 (...)
 Real Parque VS Ponte Estaiada
 Real Parque VS Ponte Estaiada
 (...)*

Marcelo Bispo da Cruz (Marcelo Bbox) – Rap “Real Parque versos Ponte Estaiada”

*Todo o choque de civilizações é na realidade o choque
 entre as barbáries que lhes são subjacentes.
 Walter Benjamin*

No Morumbi o chão é dividido, existe um choque que nasce no solo, no contraste entre o concreto armado dos prédios “aluminiosos” com a madeira inchada dos barracos. Continuando a parafrasear Walter Benjamin, “o que nós chamamos de progresso é essa tempestade”, tempestade que faz Dona Neusa¹³ percorrer às vezes mais de uma hora em seu deslocamento ao trabalho, o mesmo que em linha reta fica a 600m de sua casa, porém no meio do caminho existe um obstáculo, o Rio Pinheiros, mas além do rio, desde 2008 tem uma ponte, a ponte que quando Marcelo Bbox *liga a TV tá lá, no Bom dia São Paulo/ No SPTV primeira segunda edição*, a Ponte Estaiada, o “novo” cartão postal da cidade de São Paulo.

Do outro lado da Avenida Luis Carlos Berrini, atravessando o Rio Pinheiros, o território se altera num processo de descontinuidade visual. Entretanto, ambos lados continuam ligados pela PE, mas como isso se configura?

O Real Parque é um bairro nobre do distrito do Morumbi que está localizado entre os limites das zonas oeste e sul da cidade de São Paulo, vizinho do bairro Jardim Panorama. Mesmo sendo considerado um bairro nobre, possui uma vasta área

¹³ Personagem do texto “E se a ponte estaiada fosse proibida aos carros?” de João Sette Whitaker Ferreira.

ocupada pela comunidade da favela Real Parque, localizada as margens do Rio Pinheiros, tendo como limite a loja Leroy Merlin.



Imagem 15: Os diferentes núcleos do Real Parque

Fonte: foto própria do autor.

Segundo Capitelli (2002):

Um dos bairros mais luxuosos e tradicionais da cidade, o Morumbi, zona sul, convive com uma realidade cruel: a população favelada representa 47,7% do total de moradores. As ruas que dividem os dois mundos são tênues e, cada vez mais, os imóveis de alto padrão se aproximam dos barracos.

Três favelas circundam o Morumbi. A maior é a do Real Parque, onde moram cerca de 16 mil pessoas - três mil em apartamentos do Cingapura. Na comunidade do Panorama, são cerca de 2 mil habitantes. A menor é a de Porto Seguro, com 1,5 mil moradores. A região, porém, se localiza numa das áreas mais valorizadas do bairro, o Jardim Morumbi (CAPITELLI, 2002).

A favela é constituída por diferentes núcleos que foram edificados ao longo dos anos por mobilização dos próprios moradores ou pela gestão pública, como, por exemplo, os edifícios do Cingapura, construídos na gestão do então prefeito Paulo Maluf do PP, cargo que ocupou de 1993 a 1997.

Em setembro de 2010, após a assinatura do contrato entre a Secretaria Municipal de Habitação da cidade de São Paulo com o consórcio formado pelas empresas OAS e Costran, a Prefeitura iniciou mais um projeto de reurbanização na favela, para a substituição de parte dos barracos existentes em 28 conjuntos habitacionais (aproximadamente 1.100 apartamentos). Em 29 de dezembro, dois dias antes do final da gestão Kassab (2006-2012), a Prefeitura entregou 180 apartamentos no recém inaugurado “Residencial Real Parque”, que integra o Programa Municipal de Urbanização de Favelas com verbas da PMSP.

Cotrim (2013, p.105) afirma que o processo de urbanização na favela é promovido pela prefeitura. Considerando a mudança de mandatos, o que se vê na favela são diferentes reurbanizações, uma parte com blocos de prédios escuros, vestígios da gestão Maluf (1993-1996), outros edifícios claros e coloridos, construídos na gestão Kassab (2006-2012), e outros entre o acinzentado claro e o branco, construídos na gestão Haddad (2013-2016). Certamente são perceptíveis as alterações na paisagem da favela com a construção dos edifícios que quase formam uma cortina, ocultando parte da pobreza mais visual, os barracos das famílias não beneficiadas com a reurbanização de nenhuma das gestões.

Segundo D’Andréa (2008, p. 73):

A construção dos edifícios obedece a lógica de implantação do projeto Cingapura, ou seja, aquele de ser instalado na parte mais visível da favela onde se encontra, geralmente ao lado de uma avenida. Essa intenção de dar visibilidade aos edifícios do Projeto Cingapura tem dois objetivos: “esconder” a favela e fazer propaganda do projeto. Neste caso, a tentativa de esconder a favela dos motoristas da Marginal e dos edifícios localizados do outro lado do rio, próximos a Avenida Luís Carlos Berrini, não foi bem sucedida, uma vez que a declividade acentuada do terreno da favela permite a visibilidade dos barracos que se encontram na parte mais alta da mesma. O segundo objetivo teve maiores desdobramentos em seus prós e contras, dado que a simples existência dos edifícios do Projeto Cingapura por si só serve de propaganda das gestões do governo municipal que as construiu: a de Paulo Maluf (1993-1996), e a de seu correligionário e sucessor Celso Pitta (1997-2000). Por meio de uma enorme quantia gasta em publicidade nas duas gestões, esse projeto de habilitação popular tem seu nome imediatamente associado aos dois políticos (D’ANDRÉA, 2008, p. 73)

De um lado, um cinturão de edifícios prateados, do outro uma descontinuidade cromática, quase que uma cortina de *patchwork*, e como conexão a PE, um objeto que “liga” essas espacialidades e seus sujeitos, e ao mesmo tempo os separa física e socialmente.



Imagem 16: Mapa do Real Parque

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Habitação (SEHAB).



Imagem 17: Real Parque em dezembro de 2011, durante o projeto de reurbanização.

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Habitação (SEHAB).



Imagem 18: Foto panorâmica da favela Real Parque em 2010.
Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Habitação (SEHAB).



Imagem 19: Foto panorâmica da favela Real Parque antes da reurbanização, em 2010.
Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Habitação (SEHAB).



Imagem 20: Condomínios do Real Parque em dezembro de 2011.
Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Habitação (SEHAB).



Imagem 21: Reurbanizações das gestões Maluf, Kassab e Haddad, setembro de 2012.
Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Habitação (SEHAB) com modificações do autor.



Imagem 22: Real Parque em agosto de 2012, inauguração do projeto de reurbanização.

Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Habitação (SEHAB).



Imagem 23: Diferentes reurbanizações da favela Real Parque.

Fonte: foto própria do autor.



Imagem 24: Barracos de madeira da favela Real Parque
Fonte: foto própria do autor.

Quanto à origem dos moradores da favela Real Parque, em sua maioria são migrantes dos Estados do Norte e Nordeste do Brasil que vieram para a cidade para trabalhar na construção civil, em especial na edificação dos bairros Berrini e Morumbi. Enquanto somavam no currículo a experiência na construção de edifícios de alto padrão e vias públicas da cidade, também construam suas moradias de madeira com o descarte de materiais de seus próprios trabalhos.

Segundo dados da SEHAB, a favela Real Parque foi fundada em 1956. A história da favela se confunde com a de diversas outras favelas, na época de sua fundação, o ambiente semi-rural ali existente se fazia notar por bosques, matagais, criações de animais, uma grande distância entre um casebre e outro e extensa área de roçado. Num primeiro momento, a localidade foi batizada de favela da Mandioca, dada a presença de enormes plantações desse tubérculo na área (D'ANDREA, 2008, p. 75)

Como grande parte das favelas da região, o nascimento e o crescimento da favela da Mandioca se deu à expansão do mercado imobiliário na região do Real Parque, e, particular, e do Morumbi, em geral, e da necessidade de mão-de-obra barata para a construção das edificações na região. Uma das primeiras levas de habitantes foram os índios da etnia Pankararu, oriundos do Estado do Pernambuco. Os Pankararu foram empregados no mercado de trabalho no ramo da construção civil,

atuando, por exemplo, na edificação do Estádio do Morumbi. Contudo, dada a configuração ambiental que de certa forma reproduzia a baixa urbanização do meio onde haviam partido, o sertão pernambucano, os Pankararu por muito tempo puderam reproduzir uma relação com o meio natural próxima aquela vivenciada em seu local de origem (ALBUQUERQUE, 2011, p.76).

Segundo D'Andréa (2008, p. 77), de certa forma, a mudança de nome de favela da Mandioca para favela Real Parque expressa as modificações ocorridas na região por meio das modificações na produção econômica, que se desdobraram em distinta produção social do espaço. A favela da Mandioca, mesmo antes de 1956, data oficial de ocupação, representa uma relação dos moradores com a área próxima da economia de subsistência, onde os recursos naturais existentes eram os responsáveis pela produção econômica e pelos ganhos incorporados via comercialização dos mesmos. Plantações, criações de animais, e mesmo a extração de areia do Rio Pinheiros dependiam dos recursos naturais disponíveis no ambiente. A passagem de favela da Mandioca para favela Real Parque aconteceu com o rápido crescimento dos barracos e a incorporação da favela Real Parque ao bairro homônimo geograficamente, mas antônimo economicamente.

De acordo com Albuquerque (2011, p.24), entre 1960 e 1970, grande parte da população masculina Pankararu migrou para São Paulo, construindo um endereço fixo na cidade, o que possibilitou a vinda de parentes, formando assim uma migração constante para São Paulo, normalmente intercalada entre grandes períodos de trabalho na cidade e breves retornos à aldeia em Pernambuco.

Os Pankararu no Real Parque somam 170 famílias e estão organizados na *Associação Indígena SOS Comunidade Pankararu*. Como fruto de sua organização, os Pankararu conseguiram no ano 2000, no programa de verticalização de favelas da PMSP, duas unidades habitacionais exclusivamente para os indígenas, beneficiando 25 famílias, um número insuficiente para as 170 famílias, além disso, não foi construído nenhum centro cultural, nem o local sede para a *Associação SOS Pankararu*. Atualmente podemos perceber pouca representação cultural na favela, restringindo-se a um bar em homenagem a tribo.



Imagem 25: Bar da Cida, Pankararu.

Fonte: foto própria do autor.

Em entrevista ao *Portal Periferia em Movimento*, Maria Lídia da Silva (2014), indígena da etnia pankararu e moradora do Real Parque afirma que: “Com a urbanização de Real Parque, estamos perdendo nossa cultura”. Um dos motivos é que antigamente, as cerimônias religiosas eram realizadas na rua onde morava a maior parte dos pankararus e se estendiam do anoitecer do sábado ao amanhecer de domingo, mas com a nova configuração da favela, os prédios, os rituais são restritos aos apartamentos e terminam antes da meia-noite.

O processo social de construção da favela foi o oposto ao do outro lado da ponte. Sem ter o fundo de investimento das empresas privadas, ou seja, sem o poder econômico estabelecido, ficaram a mercê da administração pública, que por sua vez tinham objetivo políticos distintos dos da comunidade.

Os dados precisos da favela Real Parque foram outro desafio ao longo dessa pesquisa, já que a Sub-Prefeitura do Butantã, responsável pela gestão do território, não informou ao certo a atual população da comunidade, sob a justificativa que várias famílias contempladas com a habitação popular venderam ou alugaram seu imóvel a terceiros e construíram um barraco em outra parte da favela, mas acredita que hoje morem na favela cerca de 6 mil pessoas.¹⁴

¹⁴ Comunicação por telefone ao autor no dia 14 de junho de 2016 com a Sra. MRN, Assessora de Comunicação da Subprefeitura do Butantã.

2.1. REAL PARQUE VERSOS PONTE ESTAIADA

A música *Real Parque versos Ponte Estaiada*, de autoria de Marcelo Bispo da Cruz, conhecido como Marcelo Bbox foi publicado no YouTube no dia 19 de março de 2011, mas em entrevista Bbox afirma que já havia composto o rap há 10 anos¹⁵. Uma canção longa cantada na mesma intensidade rítmica, cuja fala é marcada por uma batida característica do rap. Na letra da música, observamos claramente um conflito manifestado entre os lados da PE, *Real Parque versos Ponte Estaiada*, que é repetido oito vezes no trecho final da canção, exaltando que a favela está de um lado e o cinturão espelhado de edifícios do outro.

Mesmo sendo um dos bairros mais nobres do distrito do Morumbi, o Real Parque, em virtude das áreas de residências de alto luxo, o bairro também tem a favela, e muitas vezes o que os separa é apenas um muro.



Imagem 26: A favela num bairro de luxo. **Fonte:** foto própria do autor.

¹⁵ Comunicação pessoal ao autor em set 2015.

Essa relação é bastante conflituosa, são daquele lugar (favela) e não pertencem ao entorno (Morumbi), moram num barraco e não num edifício de luxo, uma defrontação explícita de luta de classe.

Refletindo o contraste do RP com a PE, percebemos que ele apresenta através da exclusão, do discurso do *rap Real Parque versos Ponte Estaiada* e das construções que ela produz a partir da ideologia – o veículo pelo qual atores sociais conscientes entendem o seu mundo, neste caso o ator social em questão é o *Rapper* Marcelo Bbox. E esse questionar vai além:

“Como, na realidade, apreendemos o discurso de outrem? Como o receptor experimenta a enunciação de outrem na sua consciência, que se exprime por meio do discurso interior? Como é o discurso ativamente absorvido pela consciência e qual a influência que ele tem sobre a orientação das palavras que o receptor pronunciará em seguida?” (BAKHTIN, 2006)

Em entrevista, Bbox questiona o nome da ponte, “O que o cara (Octavio Frias de Oliveira) representa pra mim? Põe Sabotage!¹⁶ Sabotage (1973/2003) representa o bairro” e afirma que seria “digno” sim ter o nome dele em alguma estação de metrô ou coisa do tipo. E garante que “se um dia eu fosse inventar alguma coisa, uma Casa de Cultura”, colocaria de Sabotage.

¹⁶ Mauro Mateus dos Santos (São Paulo, 3/04/1973 — São Paulo, 24/01/2003), mais conhecido pelo seu nome artístico Sabotage, é uma lenda na Zona Sul, ele inspirou vários *rappers*, foi compositor, cantor e ator brasileiro. Também conhecido como rei do rap nacional, nasceu na Zona Sul de São Paulo, onde, depois de ter sido assaltante e gerente de tráfico, encontrou a saída no rap. A origem do apelido Sabotage deu-se por estar sempre conseguindo burlar as leis com tremendo êxito, como entrar em bailes, festas e boates sem permissões, e saindo ileso de inúmeras confusões.

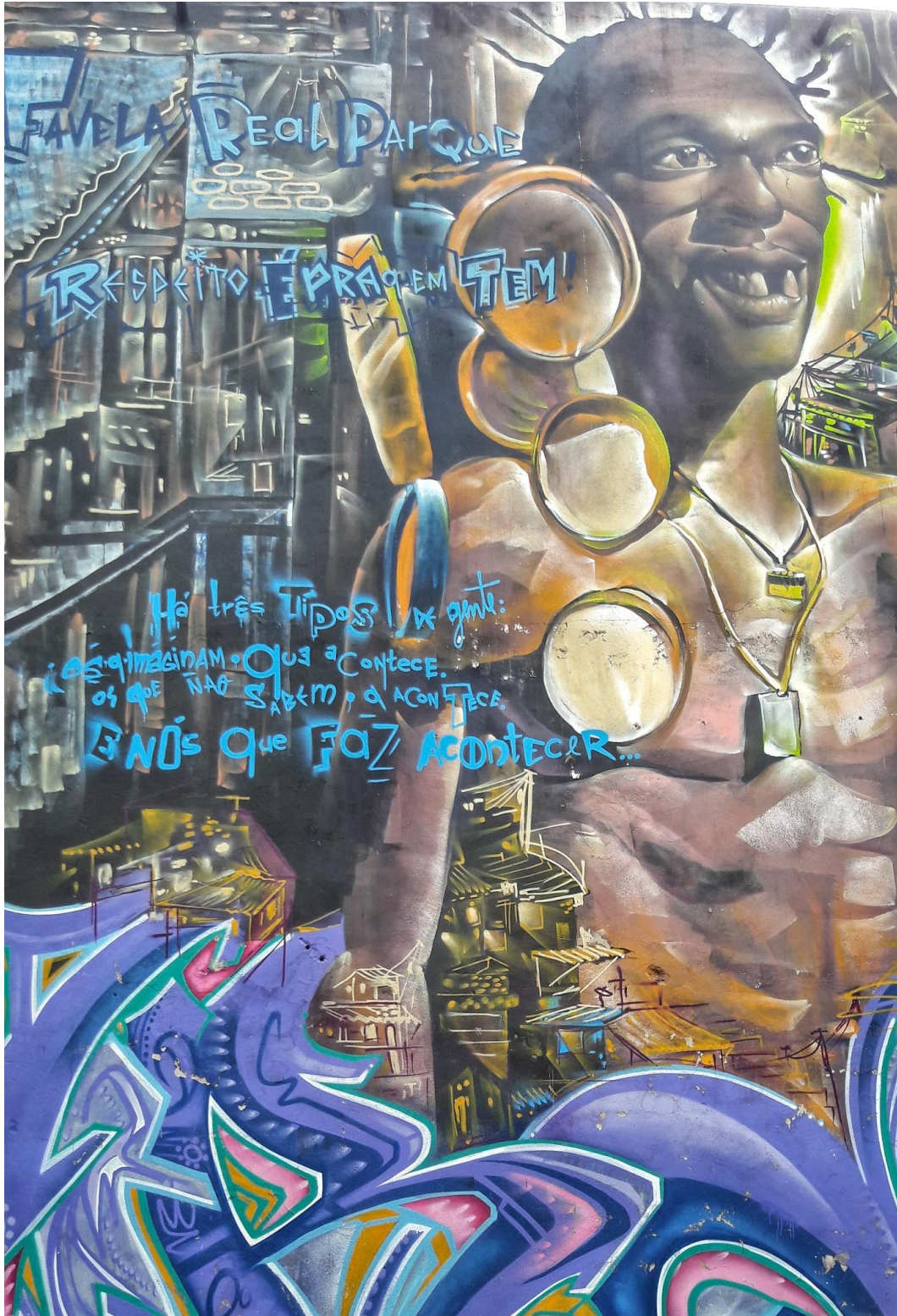


Imagem 27: Grafitti do Sabotage pintado num muro dos conjuntos habitacionais do Real Parque.
Fonte: foto própria do autor.

Como interpretar a letra de Bbox? Um *rap* como tantos outros que serve de instrumento de denúncia de chãos divididos, de grupos invisibilizados – mesmo que por ironia integrem o plano de fundo dos telejornais da Rede Globo. Um discurso claramente dito pelo sujeito espelho que reflete todo esse contraste, cuja veracidade

é facilmente confrontável com a simples constatação da realidade (RODRIGUES, 1998).

Inclusive em entrevista Marcelo Bbox (2015) comenta sobre esse contraste que serviu de motivação inicial para sua composição:

“É o distrito do Morumbi, (...), *pow* esse contraste louco que eu vivo e tal. Aí começou vim aquela inspiração, até que foi que surgiu né? (...) nessa inspiração eu falei vou fazer um RAP aí comecei uma parte falando assim sobre a ponte, sobre essa visão que eu tenho daqui pra lá né? Aí foi indo, eu fui escrevendo, escrevendo, aí eu “ajuntei” com esse primeiro rascunho lá de 2005 quando eu falo aquela parte “Minha rima eu vou mandando, Real Parque representando”, aí esse foi o primeiro trecho né? Daí eu fui fazendo rascunho e fui juntando, juntando, até que deu essa letra “Real Parque VS Ponte Estaiada”. Daí eu gravei em 2011, eu gravei ela, divulguei, aí foi indo, aí já fala já do constraste da favela com a ponte”.¹⁷

Na música Bbox atribuiu o título de cartão postal a ponte, na primeira entrevista chega a afirmar que “lá no Rio é o Cristo, aqui é a Ponte Estaiada” e quando volta a ser questionado em entrevista o que a ponte representa para ele, afirma:

“Ah, hoje ela representa assim esse monumento né? Que você convive com ele do lado né? Tipo é seu vizinho, a ponte é sua vizinha. A ponte é minha vizinha, então é mais mesmo aquela questão do cartão postal e de as pessoas acharem de onde que você. É que aqui em São Paulo é diverso, tem diversas quebradas né? (...)” (grifo do autor)

Um monumento que nasceu pra ser emblema. É um objeto estratégico do poder público de projetar a cidade enquanto global? É a imagem-síntese da identidade paulistana? É o capital codificado na paisagem? É um instrumento de segregação urbana? É a ponte da Rede Globo? Como afirma Bourdieu, “o que mostra a televisão afirma-se como legítimo” (BOURDIEU, 1997 *apud* D’ANDRÉA, 2008). O ato de insistentemente dar visibilidade a região é uma forma de instituí-la como legítima, e logo, como símbolo legítimo

Continua a canção com o discurso de afirmação e reafirmação do orgulho de suas origens, a favela, a R.P.Z.O., sigla para Real Parque Zona Oeste, que faz menção a R.Z.O, sigla para Rapaziada Zona Oeste, coletivo de Rap da cidade que lançou entre seus nomes a Negra Lee – e seu amor ao território que o viu nascer.

¹⁷ Comunicação pessoal ao autor em set. 2015.

Também contrapõe o discurso de quem mora no Morumbi é só “bacana” quando descreve mora num barraco de madeira e quando chove *Só as goteira, eu olho para as parede só tem buraco/ Pra tampar tem pano, papel, jornal, saco plástico/ (...) / Eu olho pras madeira estão apodrecendo* e reprime “esse papo” que no Morumbi só mora *playboy*.

Bbox encerra a composição com os versos *Não preciso falar mais nada/ Real Parque versos Ponte Estaiada*, versos com ideológicos não evidenciados, além de sua própria oposição, porém revelados em entrevista, onde afirma que essa oposição para ele é uma violência, apenas não maior que a policial.

“(...) É que assim, o olhar deles, a maneira que eles tratam a gente que é daqui. Parece que se você já vem da quebrada, você parece que é obrigado a já ter passagem na polícia. Que quando você vai ser enquadrado é sempre a mesma coisa que eles pergunta, “Cê tem passagem? Cê usa droga? Não sei o que” (...) já eu fui enquadrado assim. Aí eu falei “não, minha caminhada é essa”, teve uma vez que eu até falei “é já passei por lá, já fiz uns trabalho social”. Aí eles ficam, “então você tem passagem?” “Sim, eu tenho passagem por lá na Fundação CASA, no presídio, mas nas caminhada cultural”, daí vou explicando”¹⁸

Para Walter Benjamim (*apud* Zizek, 2014, p.154) em *Critique of Violence*, a palavra alemã *gewalt* significa tanto “violência” como “autoridade” ou “poder estabelecido”. Uma lógica semelhante pode ser identificada na expressão inglesa “*to enforce the law*” (“aplicar” ou “impor a lei”), que sugere ser impossível pensarmos a lei sem nos referirmos a uma certa violência, quer na origem, quando a lei é criada pela primeira vez, quer repetidamente, mais tarde, quando a lei é “aplicada”.

Porém nas quebradas essa violência já foi tão naturalizada que se torna ultraobjetiva – própria as condições do capitalismo global, que implica a criação “automática” de indivíduos excluídos e dispensáveis – e não poupa nem as crianças, como o filho de GC¹⁹, que em entrevista afirma que seu filho tinha muito medo da polícia por uma abordagem recebeu na calçada do barraco quando tinha apenas quatro anos e foi questionado onde ficava a “boca”.

Bauman (2009, p. 55), afirma que o mundo visto na televisão parece um universo em que “policiais-cães” de fila protegem “cidadãos-ovelhas” de “criminosos-

¹⁸ Comunicação pessoal ao autor em set. 2015.

¹⁹ Moradora do Real Parque e como ela mesma diz, “nascida e criada nesse contraste todo”.

lobos", mas na favela é diferente, a dinâmica é outra, os papéis de cães e lobos se invertem. Na favela, a violência é policial, a violência vem do Estado, ele classifica os cidadãos em dois níveis, os de primeira e os de última fila, e os de última fila quando tem sorte estão "condenados a permanecer no lugar", já quando não tem sorte, são despejados.

Para Teresa Caldeira (2000), São Paulo:

Hoje é uma cidade feita de muros. Barreiras físicas são construídas por todo lado: ao redor das casas, dos condomínios, dos parques, das praças, das escolas, dos escritórios. [...] a nova estética da segurança decide a forma de cada tipo de construção, impondo uma lógica fundada na vigilância e na distância (CALDEIRA, 2000, p. 303)

Quando não são muros, são pontes que ao invés de conectar, ligar as extremidades, os segrega. Como exemplo dessa violência urbana, vemos a PE, um fruto do crescimento urbano descontrolado, e de uma política rodoviarista que não só privilegia, mas é pautada pelo favorecimento da circulação de automóveis, elemento de expressão máxima do domínio do capital sobre a cidade, em detrimento da circulação de pedestres, mas que simultaneamente aciona a idéia de segurança, apoiada na noção de "progresso" representada pela ponte.

Outra violência observada, é que ao vender a PE como símbolo da cidade, excluindo a oportunidade de uma visão conjuntural da cidade de São Paulo, a cidade dos Barões do Café, a cidade da diversidade cultural, a Broadway Brasileira, uma megalópole culturalmente viva e dinâmica, e não "estática" como uma ponte.

O fato não é construir uma ponte, mas sim construir um enclave edificado que modifica a paisagem dum parte da cidade de São Paulo aos gostos do público de alto padrão, enquanto imobiliza a existência e necessidade de locomoção dum grupo de moradores do mesmo território, mas que não possuem veículos (FIX, 2001), tornando assim, a cidade cada vez mais desigual e excludente, por meio de uma faxina social que objetivou enobrecer o território do RP, apagando um ruído pobre e preto numa paisagem midiaticizada como rica e branca.

Segundo Leite (2016, p.118):

O termo *gentrification* (enobrecimento) é utilizado para designar intervenções urbanas como empreendimentos que elegem certos espaços da cidade

considerados centralidades e os transformam em áreas de investimentos públicos e privados, cujas mudanças nos significados numa localidade histórica faz do patrimônio um segmento do mercado. A expressão começou a ser usada em 1960, nos Estados Unidos, para designar um modelo de intervenção urbana que se expandiu em larga escala em muitas cidades americanas, cuja principal característica era a reabilitação residencial de certos bairros centrais das cidades (Smith, 1996). O termo *gentrification*, portanto, foi inicialmente utilizado como uma linguagem especializada para designar “reabilitação social” (LEITE, 2016, p.118)

Essa cidade (São Paulo) que podemos interpretar como um resultado convergente de distintas influências formais e cotidianas, apresenta uma paisagem dos poderosos que se opõe claramente à chancela do sem poder (ZUKIN, 2000, p. 84).



Imagem 28: Vista da Ponte Estaiada da favela Real Parque
Fonte: foto própria do autor.

De um lado, os artefatos da “cidade global” e, de outro, os “pobres” e “excluídos” tipificados como público-alvo de políticas ou programas ditos de inserção social, há um entreamado social que resta a conhecer, que não cabe em modelos polares de análise pautados pelas noções de dualização social, que escapa às categorias utilizadas para a caracterização da pobreza urbana e transborda por todos os lados

do perímetro estreito dos “pontos críticos” de vulnerabilidade social identificados por indicadores sociais (TELLES; CABANES, 2006, p. 14).



Imagem 29: Cotidiano da Favela Real Parque.
Fonte: foto própria do autor.

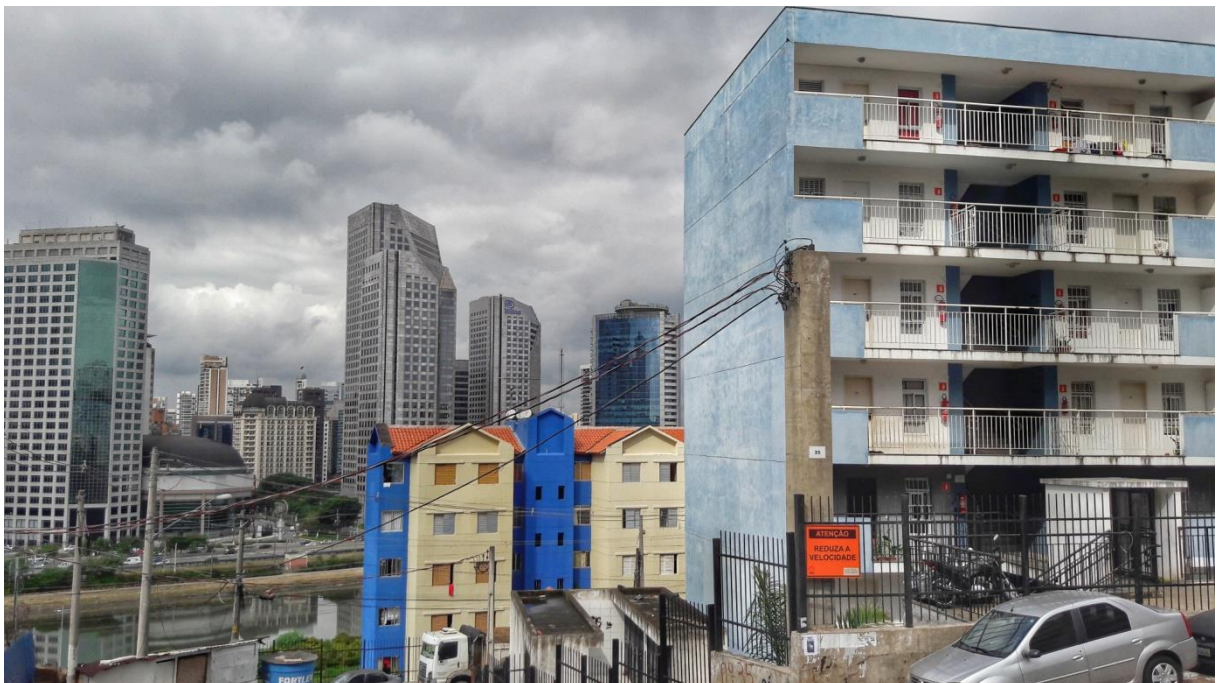


Imagem 30: Contraste da favela Real Parque com o CENU.
Fonte: foto própria do autor.

Em *Cidadania Insurgente*, Holston (2013, p. 27) afirma que o desenvolvimento das periferias urbanas autoconstruídas²⁰ resultou, assim, num confronto entre duas cidadanias, uma insurgente e outra entrincheirada. Já Leite (2016, p. 244), usa a noção de insurgente para referir as novas e/ou outras fontes de cidadania e à afirmação de sua legitimidade, acredita que são todos espaços de insurgência porque introduzem na cidade novas identidades e práticas que perpetuam histórias estabelecidas.

Para Leite (2016, p. 243):

As cidades estão cheias de histórias no tempo: umas sedimentadas e catalogadas, outras dispersas em forma de rastros e vestígios. Suas narrativas são épicas e cotidianas: falam de migração e produção, lei e riso, revolução e arte. Entretanto, ainda que óbvio, seu registro nunca é totalmente legível, porque cada incursão pelo palimpsesto das superfícies urbanas revela apenas traços dessas relações (LEITE, 2016, p. 243).

Realmente seu registro não poderia ser totalmente legível, afinal o território analisado é marcado por contrastes e poder, e por mais que a edição n.1684 da Revista Veja (2001.) afirme que “os bairros da classe média estão sendo espremidos por um cinturão da pobreza e criminalidade que cresce seis vezes mais que a região central das metrópoles brasileiras”, os espremidos dessa narrativa são os moradores da favela do Real Parque que a cada dia percebem o crescimento de muros que os separa do próprio bairro em que vivem, como fez a loja Leroy, construiu um muro enorme entre a loja e a comunidade.

²⁰ Periferia autoconstruída – do tipo periferia urbana empobrecida na qual a maioria dos brasileiros mora hoje em dia e onde constroem, através de um processo chamado de autoconstrução, suas próprias casas, seus bairros e vida urbana (HOLSTON, 2013, p. 25).

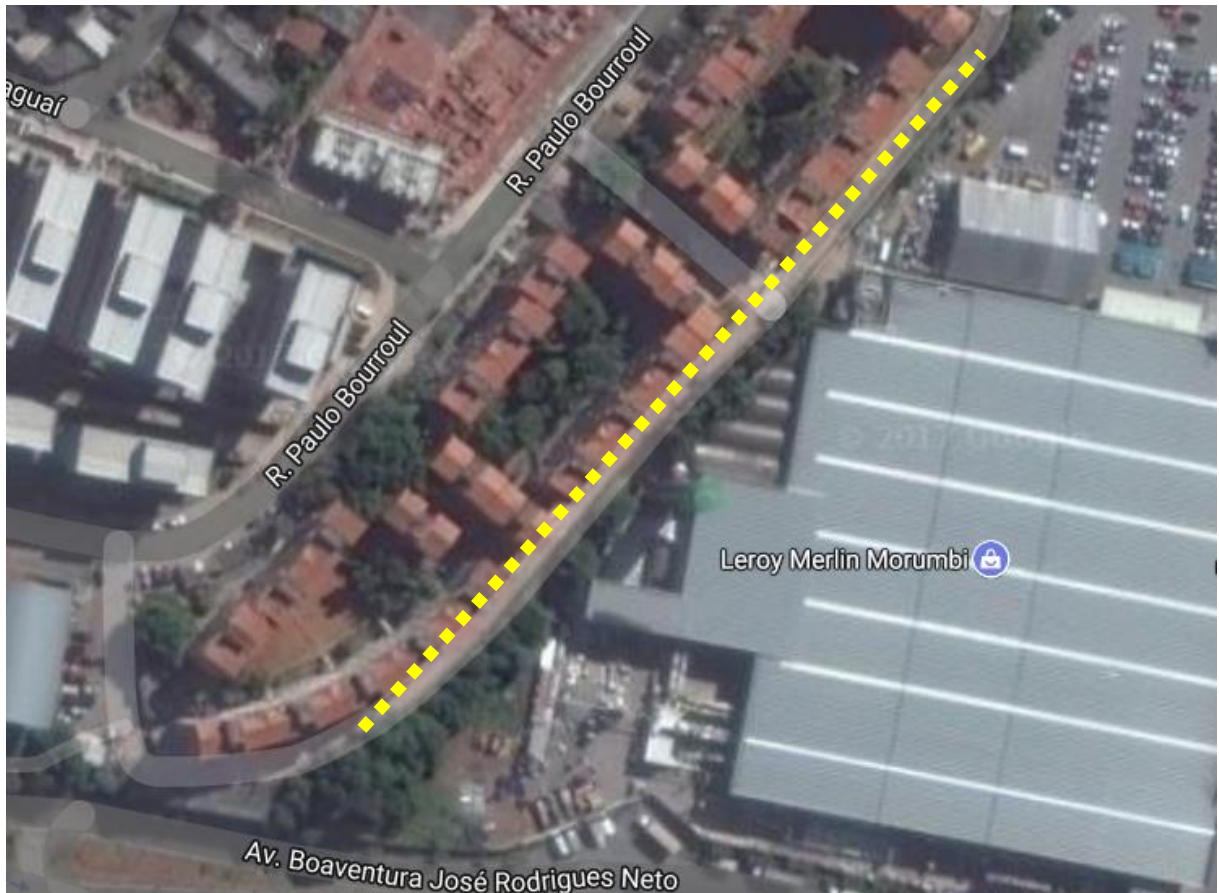


Imagem 31: Muro que divide a favela do Real Parque da loja LeroyMerlin
Fonte: Google Earth com interferência do autor.

Para Bessa e Álvares (2014), o lugar é a parte da superfície urbana que resulta das relações afetivas dos homens com o meio ecológico e/ou técnico, dos homens com os homens, onde se cria uma relação de pertencimento (o homem sentindo-se em casa), uma identidade entre comunidade e sítio. É nele que acontece a história de cada um, que, somada às histórias de tantos outros, ao longo dos tempos, forma a memória coletiva. Lugares são, portanto, os territórios da vida cotidiana.

Mas como se relacionar com um território que ao mesmo tempo em que chamam de “minha quebrada”, o espaço de suas relações sociais, são excluídos dele, tem sua experiência urbana reduzida por agentes externos e até mesmo pelo Estado. Segundo Jacques (2008):

A redução da ação urbana, ou seja, o empobrecimento da experiência urbana pelo espetáculo leva a uma perda da corporeidade, os espaços urbanos se tornam simples cenários, sem corpo, espaços desencarnados. Os novos espaços públicos contemporâneos, cada vez mais privatizados ou não apropriados, nos levam a repensar as relações entre urbanismo e corpo, entre o corpo urbano e o corpo do cidadão (JACQUES, 2008).

Então essas vidas cotidianas foram padronizadas? Partindo do pressuposto que em muitas cidades, sobretudo nas metrópoles globais, as paisagens parecem iguais, cópias de tantos outros lugares, sim, foram padronizadas, mas também podemos pensar num processo contrário, que a padronização dos usos do espaço levam a sua pasteurização, está ficando cada vez mais difícil discernir aquilo que é próprio de cada lugar, daquilo que é projeto de cidade global.

Principalmente à medida que as novas categorias de moradores ocupam as cidades – negras sulistas em Chicago, turcos em Frankfurt, nordestinos em São Paulo, candangos em Brasília – essas condições formais e substantivas modelam sua experiência urbana. E essa experiência, por sua vez, torna-se um foco principal de luta para redefinir as condições de pertencimento à sociedade (LEITE, 2016, p. 250).

E no Real Parque não é diferente, podemos observar claramente a tensão existente da favela com a ponte. Todos os entrevistados, quando questionados sobre a PE, afirmam que ela é sem utilidade para quem mora na favela, já que não tem faixa de pedestre nem passarela na Marginal para chegarem até ela. Afirmam que a ponte é só pela beleza mesmo, disseram que no final de ano a PMSP coloca um monte de “luizinha”, fica aquela coisa linda, mas sem utilidade.

CAPÍTULO 3 – SÃO PAULO: UMA CIDADE À VENDA

Os padres jesuítas José de Anchieta e Manoel da Nóbrega subiram a Serra do Mar, nos idos de 1553, a fim de buscar um local seguro para se instalar e catequizar os índios. Ao atingir o planalto de Piratininga, encontraram o ponto ideal. Tinha “ares frios e temperados como os de Espanha” e “uma terra mui sadia, fresca e de boas águas”.

Os religiosos construíram um colégio numa pequena colina, próxima aos rios Tamanduateí e Anhangabaú, onde celebraram uma missa. Era o dia 25 de janeiro de 1554, data que marca o aniversário de São Paulo. Quase cinco séculos depois, o povoado de Piratininga se transformou numa cidade de 11 milhões de habitantes. Daqueles tempos, restam apenas as fundações da construção feita pelos padres e índios no Pateo do Colégio.

Piratininga demorou 157 anos para se tornar uma cidade chamada São Paulo, decisão ratificada pelo rei de Portugal. Nessa época, São Paulo ainda era o ponto de partida das bandeiras, expedições que cortavam o interior do Brasil. Tinham como objetivos a busca de minerais preciosos e o aprisionamento de índios para trabalhar como escravos nas minas e lavouras. Em 1815, a cidade se transformou em capital da Província de São Paulo. Mas somente doze anos depois ganharia sua primeira faculdade, de Direito, no Largo São Francisco. A partir de então, São Paulo se tornou um núcleo intelectual e político do país. Mas apenas se tornaria um importante centro econômico com a expansão da cafeicultura no final do século XIX. Imigrantes chegaram dos quatro cantos do mundo para trabalhar nas lavouras e, mais tarde, no crescente parque industrial da cidade. Mais da metade dos habitantes da cidade, em meados da década de 1890, era formada por imigrantes.

No início dos anos 1930, a elite do Estado de São Paulo entrou em choque com o governo federal. O resultado foi a Revolução Constitucionalista de 1932, que estourou no dia 9 de julho (hoje feriado estadual). Os combates duraram três semanas e São Paulo saiu derrotado. O Estado ficou isolado no cenário político, mas não evitou o florescimento de instituições educacionais. Em 1935 foi criada a Universidade de São Paulo, que mais tarde receberia professores como o antropólogo francês Lévi-Strauss.

Na década de 1940, São Paulo também ganhou importantes intervenções urbanísticas, principalmente no setor viário. A indústria se tornou o principal motor econômico da cidade. A necessidade de mais mão-de-obra nessas duas frentes trouxe brasileiros de vários Estados, principalmente do nordeste do país.

Na década de 1970, o setor de serviços ganhou maior destaque na economia paulistana. As indústrias migraram para municípios da Grande São Paulo, como o chamado ABCD (Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema). Hoje, a capital paulista é o centro financeiro da América Latina e por isso ainda recebe de braços abertos brasileiros e estrangeiros que trabalham e vivem na cidade de São Paulo, em um ambiente de tolerância e respeito à diversidade de credos, etnias, orientações sexuais e tribos (SAMPAIO, 2014).

E assim, Piratininga virou São Paulo, o colégio virou uma megalópole, transformando-se na cidade que mais desenvolveu sua economia no país (SZMRECSÁNYI, 2004). Desde o início, sua vocação foi ser uma cidade de conquistas, de *NON DUCOR DUCO* (não sou conduzido, conduzo – em latim), lema do brasão da cidade. No século XX, São Paulo foi motor do período desenvolvimentista, onde a industrialização marcou a época, inclusive com a

instalação das primeiras fábricas automobilísticas do país, o que mais tarde influenciou em possuir a maior frota de veículos do Brasil, 8 milhões, o que equivale a 2,03 habitantes por veículo (Portal G1, 2015).

Na segunda metade do século XX, foi observado na economia, o surgimento do setor terciário, por meio das redes bancárias privadas, como o Bradesco e o Banco Itaú. Na espacialidade da cidade, ocorreu uma mudança visual, as instituições bancárias deixaram o centro antigo para ocupar a Avenida Paulista, verticalizada por sua vez e escolhida como novo centro desse poder econômico.

Próximo a transição para o século XXI, uma nova onda econômica aconteceu, dessa vez em nível mundial, e São Paulo novamente foi a cidade brasileira que corporificou essa transformação. Dessa vez, o poder econômico se tornou virtual, as novas empresas de telecomunicações surgiram e os negócios on-line explodiram, e a região da Berrini foi escolhida para receber essa nova onda econômica e mundialmente conectada.

Essa temporalidade histórica modificou e modifica a cidade, caracterizando São Paulo como uma metrópole dinâmica, midiática e do futuro, repleta de signos urbanos que sintetizam a grandeza e poder econômico da cidade.

Para Urry (1995), nosso olhar é construído de signos, dos quais o Estado e o mercado imobiliário se apropriam para promover suas cidades. E com São Paulo não é diferente, desde propagandas oficiais do mercado imobiliário, propagandas da Prefeitura Municipal, publicidade do órgão de turismo do município (SPTuris) à cartões postais e *souvenirs* para turistas e viajantes.

A questão é: Por que alguns governos locais passam a incorporar de forma cada vez mais intensa as políticas de promoção de suas cidades para a escala mundial? Quais objetivos são perseguidos? Nesse contexto, de que maneira a construção de imagens, discursos e representações contribui para os atuais processos de reestruturação urbana?

Segundo Sánchez (2010, p. 27), os governos municipais estão cada vez mais preocupados em transformar a cidade em imagem publicitária. Com tal objetivo, seus

governantes assemelham-se à figura do caixeiro-viajante, abrindo catálogos de venda de seu produto-cidade.

Recorrentemente essas imagens publicitárias são os símbolos da cidade, num sentido de atrativos turísticos e/ou marcos de arquitetura icônica. A cidade de São Paulo, por exemplo, possui diversos símbolos, inclusive um deles foi eleito símbolo da cidade em 1990, a avenida mais paulista de todas, a Avenida Paulista.

Segundo a Rede Globo de Televisão (1989 *apud* FRUGOLI JR., 2000, p.134), a população paulistana carecia de símbolos de identidade, e por isso em dezembro de 1989, às vésperas do centenário da Avenida Paulista (1989), foi criada uma campanha com investimento de US\$ 1 milhão, por parte do Banco Itaú em parceria com a Rede Globo, intitulada “Eleja São Paulo”, que tinha por objetivo eleger um símbolo da cidade de forma democrática, na qual Avenida Paulista foi então a primeira colocada, com 332,4 mil votos (22,9%) de 1.454.211 votos populares coletados nas agências do Banco Itaú.

Esse valor atribuído à Avenida Paulista é inerente ao espaço, pois foi atribuído socialmente, nesse caso por meio de uma eleição popular realizada em maio de 1990. Para Menezes (1993, p.93), valores são relativos (não são naturais) e a cada momento podem ser modificados, como podemos observar claramente nas atuais propagandas da cidade.

Os símbolos da capital paulista sempre estiveram relacionados às sedes do capital (principalmente dos Bancos) na cidade. O Centro Paulistano, até a década de 1960, era o atual Centro Velho (entorno da Igreja da Sé até o Vale do Anhangabaú) que então era a parte da cidade mais reproduzida em cartões postais pela Fotolabor e Foto Postal Colombo²¹ (RIBEIRO, 2012, p.188) por sua importância econômica e social na cidade.

Já no início dos anos 1970, com a maior verticalização das construções da Avenida Paulista, iniciou-se uma fuga dos escritórios centrais de bancos e empresas do “Centro Velho” para o “Centro Paulista”, fazendo com que o Centro Metropolitano

²¹ Fotolabor e Foto Postal Colombo na década de 1950 eram as duas principais editoras de Cartão Postal do Estado de São Paulo.

se desdobrasse em dois e, com isso, iniciou-se um processo de abandono do Vale do Anhangabaú por parte dos bancos e grupos empresariais.

Segundo Frugoli Jr (2000) atualmente é possível perceber, o *tresdobramento* do Centro Metropolitano, com a materialização do “Centro Berrini”, por meio do deslocamento de bancos, firmas multinacionais e grupos industriais para a Avenida Luiz Carlos Berrini, e isso resulta na criação ou consolidação, conforme afirma Ribeiro (2012) de outro símbolo da cidade de São Paulo, de outro cartão postal, a Ponte Estaiada Octavio Frias de Oliveira.

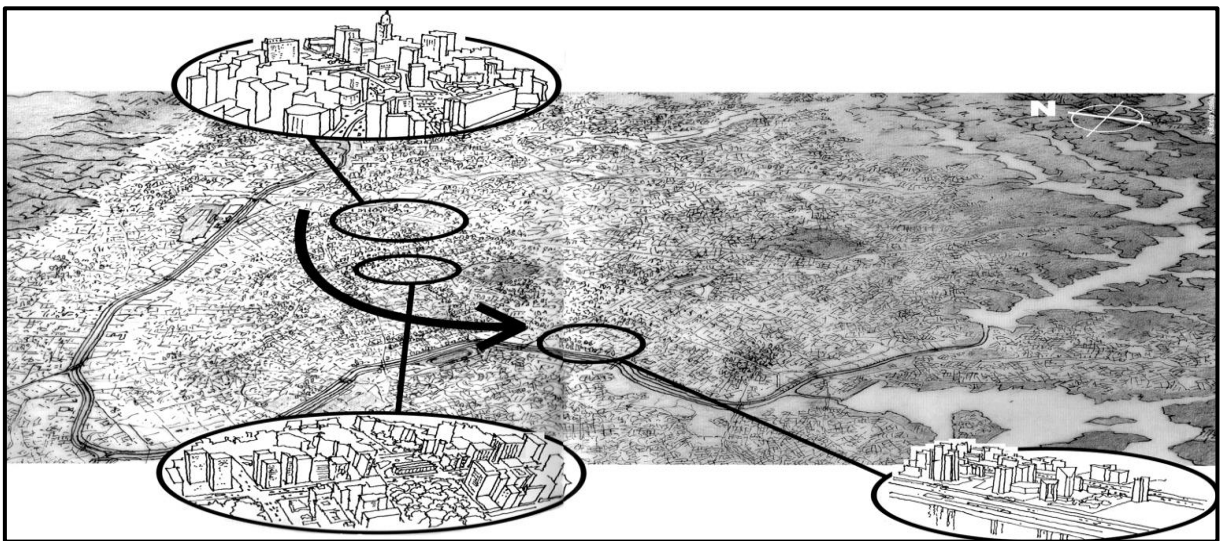


Imagem 32: Deslocamento do centro financeiro de São Paulo.

Fonte: Vallandro Keating. Disponível em: FRÚGOLI JR, Heitor. Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez, 2000.

Inclusive, a SPTuris, órgão oficial do Turismo na cidade de São Paulo, em seu Mapa das Sensações, que objetiva propor um novo olhar sobre a metrópole, revelando suas diversas nuances por meio dos sentidos, com base em indicação popular, registrou a Ponte Estaiada como um atrativo espetacular da cidade (SPTuris, 2012).

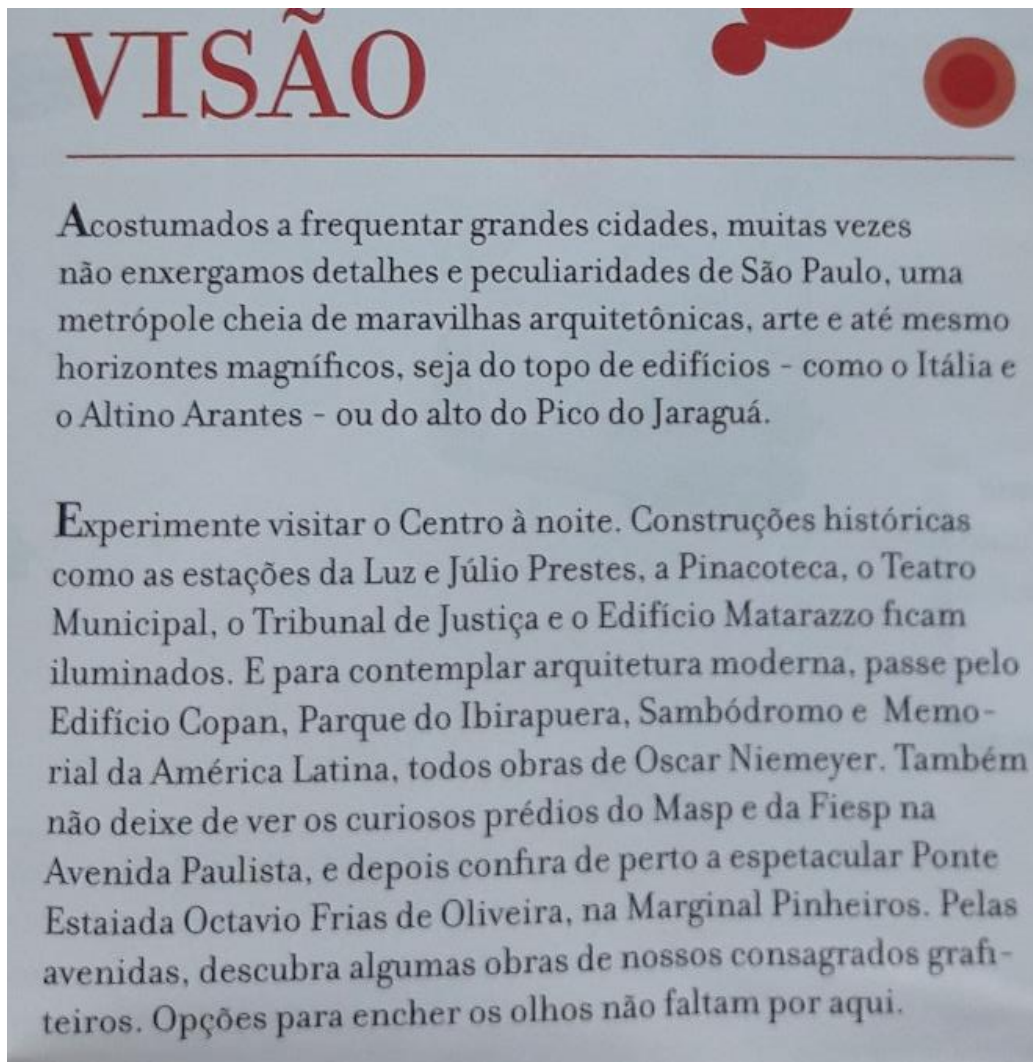


Imagem 33: Mapa da Sensações da SPTuris. **Fonte:** SPTuris, 2012.

Assim, articulam-se intervenções urbanas de caráter mais pontual, muito marcadas pela parceria entre interesses do capital e do poder público, e o que antes deveria ser uma construção que objetivava permitir a passagem e transpor automóveis, transformou-se num signo da cidade, uma imagem que desperta olhares. Ou seja, a ponte é mais uma oportunidade de enaltecimento do poder pelo espaço urbano do que propriamente uma via de acesso.

Conforme Rolnik (1997 *apud* FRUGOLI JR., 2000, p.41), essa expansão da centralidade é fruto de um processo excludente de concentração de investimentos públicos, que se iniciou entre 1993 e 1994 sob a gestão do Prefeito Paulo Maluf, onde 85% dos investimentos no orçamento municipal de São Paulo foram aplicados na região sudoeste, em especial nas obras viárias, como o túnel do Ibirapuera, a

ampliação da Avenida Faria Lima e sua ligação com a frente de expansão dos edifícios de escritórios, na marginal do rio Pinheiros.

E em meio esse processo, os outros centros recebem novos valores, o Centro Velho (Vale do Anhangabaú e região), por exemplo, sofreu historicamente uma série de modificações visíveis, deteriorando-se e passando atualmente por processos parciais de intervenção urbana. Porém o mais agravante é notar que ele foi reduzido ao espaço de distintos agentes sociais que formaram variadas redes de relações voltadas à sobrevivência – como camelôs, engraxates, desempregados, aposentados “plaqueiros”, vendedores de ervas, videntes, prostitutas, travestis, homens e menores de rua, artistas de rua, batedores de carteira, trapaceiros e muitos outros (FRUGOLI JR., 2000, p.59).

A criação dos símbolos é resultante de um processo interativo entre interpretante e objeto, mas também pode ser manipulada pela mídia, com o objetivo de vender e/ou divulgar uma ideia. Além de variar significativamente, dependendo da formação e da sensibilidade de cada observador no tempo.

Pensando em seus efeitos, em 1895, quando Gustave Le Bon, em sua obra *Psicologia das massas*²², descreve a imagem como um meio de manipular as mentes da massa, também afirma que essas pessoas possuem uma clara tendência para não fazer quaisquer distinções (SANTAELLA, NOTH, 2012, p. 201).

Assim, quando a SPTuris divulga na mídia impressa que a PE é o mais novo atrativo espetacular da cidade, uma parte da população aceita essa informação sem questionar a lógica e veracidade dessa afirmação. E a partir daí compreendem a Ponte Octávio Frias de Oliveira como um “atrativo espetacular” em seus inconscientes, uma imagem que veicula a ideia de progresso, a personificação da modernidade, portanto, um símbolo da cidade de São Paulo.

Segundo Buddemeier (1993, p. 20 *apud* SANTAELLA, NOTH, 2012, p. 201), a tirania da imersão pictórica dos espectadores resulta num envolvimento emocional incontrolado, sem a devida distância crítica da mensagem pictórica. Neste caso,

²² Psicologia das massas é a obra mais difundida de Gustave Le Bon, onde defende que numa multidão, a personalidade do indivíduo é dominada pelo comportamento coletivo.

aceitam que a PE representa o avanço, um marco no progresso da cidade de São Paulo, ao tal ponto que se torna digna de ser ressignificada como símbolo da cidade, presente em diversas mídias do poder público e privado.



Quer conhecer o melhor da cidade de São Paulo? Fale com nossos especialistas!

i **CENTRAIS DE INFORMAÇÃO TURÍSTICA**

CIT PAULISTA
Av. Paulista, 1.853
Diariamente das 9h às 18h. /
Open daily from 9 a.m. to 6 p.m.

CIT TIETÊ
Terminal Rodoviário Tietê -
Santana (área de desembarque /
arrivals area).
Diariamente das 6h às 22h. /
Daily from 6 a.m. to 10 p.m.

CIT CONGONHAS
Av. Washington Luís, s/nº, Vila
Congonhas. Aeroporto de Congonhas (área de desembarque /
arrivals area).
Diariamente das 7h às 22h. /
Daily from 7 a.m. to 10 p.m.

CIT OLIDO
Av. São João, 473 - Centro.
Segunda a Sábado das 9h às 18h. /
Monday to Saturday from 9 a.m.
to 6 p.m.

CIT REPÚBLICA
Pça da República, s/n - Centro.
Diariamente das 9h às 18h. /
Daily from 9 a.m. to 6 p.m.

CIT MERCADO
Rua Cantareira, 306 - Sé. (Rua E,
próxima ao portão 4 / E Street,
next to gate 4)
De Segunda a Sábado das 8h às
17h e aos Domingos das 7h às
16h. / Monday to Saturday from
8 a.m to 5 p.m and Sundays
from 7 a.m to 4 p.m.

CITS MÓVEIS / MOBILE
Funcionamento de acordo com a
demanda turística em locais estraté-
gicos da cidade.
Veja a agenda da semana:
Operation based on tourist demand
in strategic places of the city.
Check out the weekly schedule:
www.cidadedesaopaulo.com/sp/br/centrais-de-informacao-turistica



* Do you want to get to know the best of São Paulo city?
Ask our experts!

www.cidadedesaopaulo.com

São Paulo
turismo
www.sp.turis.com

PREFEITURA DE SÃO PAULO
TURISMO

Imagem 34: Material de divulgação das Centrais de Informação Turística
Fonte: Revista Portal do Mercado, edição 99, 2017.

E mesmo que as propagandas sejam feitas com outros objetos urbanos, a influência sobre as mentes das pessoas já ocorreu. Peirce afirma que podemos escrever a palavra *estrela*, por exemplo, mas isso não nos faz criadores dessa ou de qualquer outra palavra. Se apagarmos o que escrevemos, a palavra não terá sido destruída. “O vocábulo continuará vivendo no espírito daqueles que o empregam. Ainda que todos estejam adormecidos, existe em suas memórias” (SANTAELLA, NOTH, 2012, p. 66), ou seja, a ideia de cidade global continuará fazendo sentido na representação da PE.

Com isso, o Estado e o mercado imobiliário buscam vender uma São Paulo dinâmica, globalizada, marcada de “engenhocas” tecnológicas. Porém é importante observar que “aquele que manipula os símbolos pode manipular os processos de identificação, podendo então influenciar a constituição do grupo que legitima”. (YÁZIGI, 2001, p.236). Como exemplo, podemos citar o *Geo Berrini Residences*, empreendimento da imobiliária Estaiada, que utiliza a imagem da PE em suas propagandas²³.

Para Calvino (1990, p.23), a memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir, e assim, hoje vemos a construção de diversas pontes estaiadas pela cidade e país, todas com o mesmo objetivo comunicar a ideia de cidade global, do futuro e secundariamente transpor pessoas e veículo de um ponto a outro.

No município de Guarulhos, localizado a 20 km da cidade de São Paulo, em 2011, foi inaugurada a Ponte Estaiada na entrada da cidade. Também no mesmo período, houve a construção do Viaduto Estaiado Luciano Mendes de Almeida, que faz parte do Complexo viário Padre Adelino, localizado no bairro do Tatuapé e da Ponte Estaiada Governador Orestes Quércia, que liga os bairros do Bom Retiro e Santana.

²³ Disponível em: <https://www.geoberriniresidences.com.br/pt-br/>



Imagem 35: Ponte Estaiada do município de Guarulhos.

Fonte: Lucas S. (licença *Creative Commons BY*). Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ponte_Estaiada_de_Guarulhos_-_panoramio.jpg



Imagem 36: Viaduto Estaiado Luciano Mendes de Almeida.

Fonte: Fernando Pereira, acervo da Secretaria de Comunicação (SECOM) da PMSP. Disponível em:
<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/comunicacao/noticias/?p=112124>

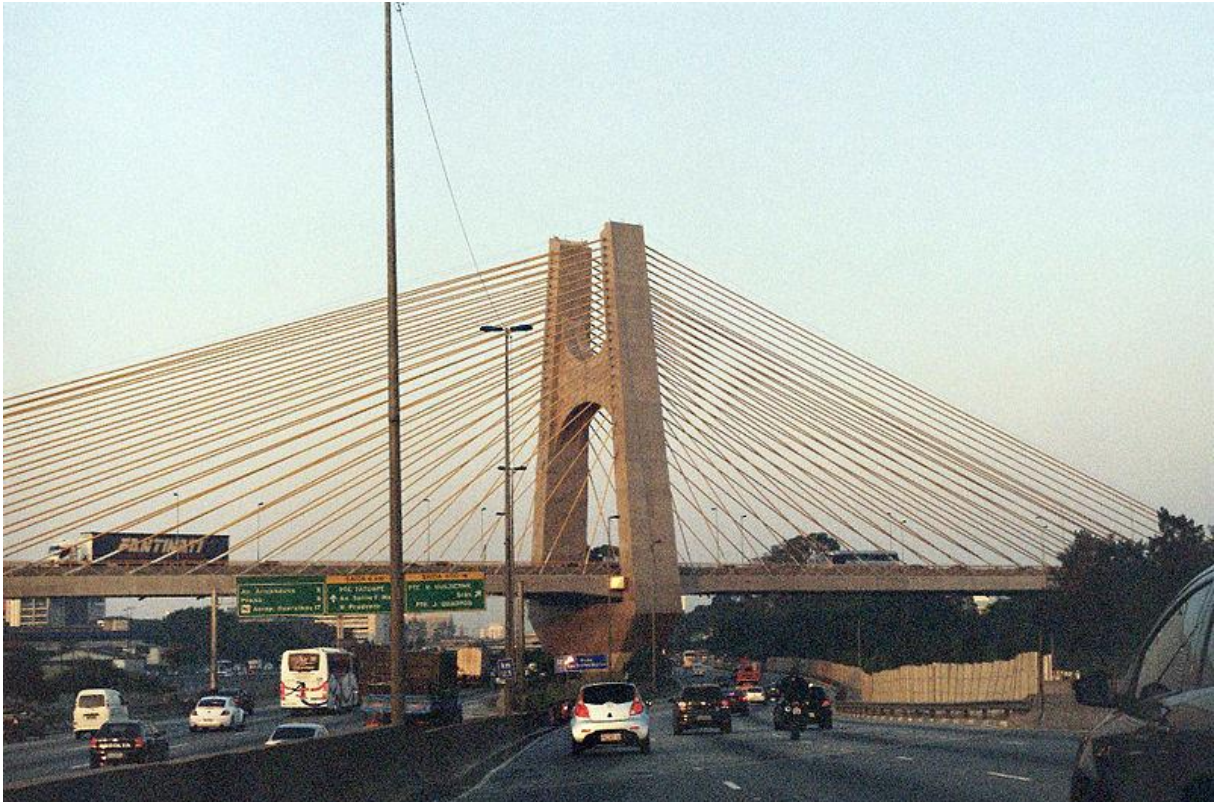


Imagem 37: Ponte Estaiada Governador Orestes Quércia.

Fonte: Fefeio, 2013 (licença *Creative Commons BY*). Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ponte_Governador_Orestes_Qu%C3%A9rcia.jpg

Normalmente as pontes estaiadas são projetadas em menor escala, com exceção da Ponte Jornalista Phelippe Daou, popularmente conhecida como Ponte Rio Negro, que liga as cidades de Manaus (AM) e Iranduba, também projeto de Catão Francisco Ribeiro, onde foram usados aço e cimento suficiente para erguer três Estádios do Maracanã. Inaugurada em 2011, com 3 595 metros a um custo de R\$ 1,099 bilhões e desta vez com faixa para pedestres (Portal Amazonas é mais, 2014).

Segundo Arantes (*apud* BESSA; ÁLVARES, 2014, p. 52), os ícones têm sido utilizados como “forma-publicidade da mercadoria, com a nova supremacia econômica patrocinando os símbolos bem desenhados que lhe celebram o triunfo” e que, juntamente com outras estratégias de intervenção urbana, conseguem inserir as localidades no competitivo circuito internacional do turismo, por meio de novos símbolos.

Para John Urry (*apud* BESSA; ÁLVARES, 2014, p. 52):

(...) as pessoas necessitam de experiências diferentes daquelas que experimentaram na sua vida cotidiana. Segundo o autor, elas desejam ver um objeto ímpar, como o *Empire State*, que atrai dois milhões de pessoas por

ano, ou a *Torre Eiffel*, o *Palácio de Buckingham*, o edifício do *Lloyds*, projetado por Richard Rogers, em Londres, e o *Centro Pompidou*, em Paris. O *Centro Pompidou* ou *Beaubourg*, projetado por Richard Rogers e Renzo Piano, é uma caixa de vidro emoldurada por estruturas metálicas aparentes implantada no Marrais, um bairro histórico de Paris – um estranhamento na paisagem urbana que atrai mais visitantes que o *Museu do Louvre*. “Muitas pessoas que vivem no Ocidente têm a esperança de contemplar alguns desses objetos durante a vida (URRY *apud* BESSA; ÁLVARES, 2014, p. 52).

Será então que esses marcos arquitetônicos são projetados visando essa experiência distinta da cotidiana aos turistas e viajantes? E o autóctone²⁴? Em 2014, a cidade de São Paulo recebeu o prêmio *Traveler's Choice* como principal destino turístico do Brasil, ultrapassando inclusive, o Rio de Janeiro. Será essa nova São Paulo um lugar turístico?

Segundo Bessa e Álvares (2014, p. 29):

No turismo, as relações são provisórias, efêmeras, fugazes, e têm a regê-las um interesse comercial. Por mais que exista encantamento, identificação, o turista não cria relações afetivas permanentes e gratuitas; se isto vier a ocorrer, ele deixa a condição de turista. O turista não participa continuamente do cotidiano do lugar (o lugar pede continuidade) e suas relações são sempre provisórias e de fora, como espectador. Assim, não se pode empregar a expressão “lugar turístico”, tão comum na literatura, pois o turismo não cria lugares. Ou ele se apropria deles ou constrói novos territórios. Ao se apropriar dos lugares, o turismo não impede a vida cotidiana, embora possa modificá-la, e neles continuam a acontecer a vida local e a atividade turística. Dessa maneira, lugares nunca serão, exclusivamente, lugares turísticos (BESSA; ÁLVARES, 2014, p. 29).

Já para Sánchez (2010, p. 383):

A produção e a difusão de imagens turísticas envolvem a seleção de partes da realidade urbana e a construção de uma linguagem publicitária própria. Essas “imagens urbanas depuradas pelo turismo” vendem representações de um viver urbano saudável, com padrões de qualidade de vida associados à cultura urbana contemporânea: múltiplas opções de lazer e cultura, meio ambiente equilibrado, trânsito fluido, espaços urbanos revitalizados, novas centralidades e variedades de espaços de consumo, tecnologias de comunicação avançadas, desenvolvimento econômico sustentável (SÁNCHEZ, 2010, p. 383).

Compreendidos como turísticos ou não, o que podemos observar é que os lugares estão cada vez mais pasteurizados. Segundo Sánchez (2010, p.48), as novas formas de ação no espaço vêm criando nas cidades os chamados “espaços de renovação”, cada vez mais homogêneos no mundo todo porque são moldados a partir

²⁴ Próprio do lugar (morador local); que nasceu naquele lugar e guarda dentro de si costumes, cultura e jeitos dos costumes daquele povo que ali nasceu.

de valores culturais e hábitos de consumo do espaço tornados na escala mundo. Essa tendência, em termos de experiência urbana, tem levado a uma homogeneização, a uma “pasteurização” dos espaços, tendência do marketing urbano.

Embora, na maioria das vezes, os “espaços renovados” tenham sido transformados em ícones da modernização, a leitura crítica pode identificar nesses mesmos processos de “renovação” um obscurecimento das diferenças no espaço e no tempo social.

Segundo Cortés (2008, p. 61 *apud* BESSA; ÁLVARES, 2014, p. 53):

O ícone talvez seja a maior contribuição da arquitetura ao mundo do espetáculo. Nesse sentido, ela está comprometida com as formas do poder dominante e para este poder constrói símbolos tão portentosos, altos e poderosos, que se não convencem, ameaçam. “Todo elemento construído ajuda a estabilizar uma ordem e uma identidade espacial, e inevitavelmente envolve autoridade e capital simbólico (CORTÉS, 2008, p. 61 *apud* BESSA; ÁLVARES, 2014, p. 53).

Inclusive, quanto ao aspecto urbanístico, as novas políticas de reestruturação urbana recomendam “apoiar-se em obras e serviços visíveis, sobretudo os que tenham caráter monumental ou simbólico”. Na opinião de Vainer (1998, p. 41), esses marcos urbanos simbólicos passam a ser vistos:

(...) como elemento fundamental da construção da coesão patriótica simbólica, que unifica o poder sobre lideranças carismáticas que vão representar a cidade. É a ideologia autoritária na sua melhor tradição, com seu urbanismo monumental (VAINER, 1998, p. 41).

Esse ritmo de “lançamento de novidades”, ao se transformar em rotina da cidade, passa a fazer parte do imaginário dos cidadãos, que esperaram com ansiedade e recebem com curiosidade as inovações, com uma aparente aprovação consensual acerca delas. A forma como os novos espaços, equipamentos ou serviços são apresentados, comunica o caráter deles: são marcos representativos, espetacularizados, da “cidade que não para de inovar” (SÁNCHEZ, 2010, p 499).

Alguns cidadãos—espectadores têm uma atitude reverenciadora, complacente e até mesmo passiva ante a renovação urbana. Alguns não conseguem notar que o espaço urbano é estruturado, ele não está organizado ao acaso, que ele apresenta uma história de negócios urbanos, cheia de impasses e conflitos, na qual se definiram ganhadores e perdedores (FIX, 2007, p.14).

Nessa cidade-espetáculo, é notável a alienação do cidadão-espectador, que, quanto mais contempla o espaço, menos vive, quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes de necessidades urbanas, menos compreende sua própria existência urbana, individual e coletiva (SÁNCHEZ, 2010, p. 471).

Nem todos compreendem a cidade como fruto de uma construção simbólica que é, ao mesmo tempo, ideológica e política. Somente aqueles que vivem excluídos, em territórios fragmentados, questionam a funcionalidade viária duma ponte de R\$ 260 milhões. Desse modo, são raros os cidadãos-espectadores que identificam como essa disputa simbólica que é travada entre os atores dominantes do mercado de cidades.

E por que essa escassez de leitura nas representações da cidade? “Simples”, ou melhor, complexo, já que é um processo complexo e contraditório com fortes disjunções e tensões que combinam leituras subjetivas à cidade. A representação da cidade é um objeto cobiçado e disputado. Afinal, como observa Ribeiro (1999), representar a totalidade, o todo social, implica poder: implica construção de hegemonia, capacidade de convencimento, criação de consenso.

E quanto a esse poder, é necessário questionar a ideia da “identidade do lugar” como se fosse única, ou da “imagem síntese do lugar”, ideias-força do discurso urbano dominante que se tornam armadilhas e fetiches. Elas inevitavelmente carregam uma leitura fetichizada e reducionista das relações sociais, pois, nas operações de síntese, prevalecem aqueles traços de identidade instrumentais as relações dominantes de poder.

Nesse sentido, representar o espaço é, portanto, um ato de poder simbólico. Como observa Novais (1999 *apud* SÁNCHEZ, 2010, p. 118), o espaço está em disputa, inclusive no nível das representações. Trata-se de uma luta pelas representações dominantes, uma disputa para impor visões de mundo manipulando imagens do real, uma luta pelo espaço que é político.

Em sentido estratégico, poderíamos dizer que as cidades são como empresas que competem para atrair investimentos e residentes, vendendo em troca,

localizações vantajosas para a indústria, o comércio e todo tipo de serviços (MARAGALL *apud* BENACH, 1997, p. 368).

Dessa forma, a economia simbólica da cidade é comandada pela habilidade dos gestores do *city marketing* em combinar símbolos do crescimento e sua promessa de empregos e investimentos.

Para Bessa e Álvares (2014, p. 59), o *city marketing*:

(...) consiste no emprego de ações, estratégias de análise, planejamento, execução e controle dos processos que ocorrem num determinado território, objetivando atender às necessidades e expectativas de moradores, turistas e empresas e contribuir para melhorar a competitividade da localidade no seu ambiente concorrencial (BESSA; ÁLVARES, 2014, p. 59).

Bem aplicado ao território, o *city marketing* transforma o espaço em mercadoria, e a produção desse espaço-mercadoria envolve também a produção de representações que o acompanham. Esse espaço é concebido como lugar onde o privado se afirma, produzindo signos que parecem realizar desejos e fantasias de consumo moldados por valores globais.

No processo de transformação do espaço em mercadoria, o espaço abstrato – o *espaço de valor de troca* – se impõe sobre o espaço concreto da vida cotidiana – o *espaço do valor de uso*. A esfera econômica e a esfera do Estado, por meio das representações do espaço, dão sustentação as suas práticas espaciais e também pressionam ou, nas palavras de Gregory (1994, p.401): “[...] colonizam o espaço concreto do valor de uso e o transformam em espaço abstrato do valor de troca”.

Para Paul Singer (2006) mercadoria é um produto do trabalho humano que é colocado à venda. A cidade de São Paulo foi colocada à venda, mas curiosamente não podemos afirmar com precisão quando isso ocorreu, já que diferentemente de Barcelona, onde Maragall governou de 1982 à 1997 e Curitiba, onde Jaime Lerner governou de 1971 à 1974, de 1979 à 1983 e por fim de 1989 à 1992, São Paulo não teve um líder de construção de *city marketing*, o que mais se aproxima na capital paulista foi o ex-prefeito Paulo Malluf, que governou a cidade de 1969 à 1971 e de 1993 à 1996, além de ter sido governador do Estado de São Paulo de 1979 à 1982.

Sánchez (2010, p. 41) questiona, por que se vendem cidades e o que efetivamente se vende ao vende-las? Como compreender políticas urbanas originadas em cidade profundamente diferentes aproximarem-se umas das outras em sua construção discursiva e na morfologia dos espaços a elas associados?

Serão essas aproximações apenas instrumentos semelhantes de apresentar ao mundo suas imagens para vender as cidades? Independente do território, tanto para os cidadãos quanto os turistas, a experiência da cidade é medida pelo consumo de imagens, uma justaposição de espaços-síntese, consagrados e designados como os espaços mais eloquentes de uma nova maneira de “fazer cidade” e de “viver na cidade”.

E essas imagens além de pasteurizadas, são limpas, no sentido higienista do termo, já que esses espaços-síntese incluem programas de renovação urbana visam a transformação de algumas áreas nas chamadas “novas centralidades”, fragmentos urbanos transformados em nós de atividades e fluxos – *empresariais, comerciais, de serviços* – somados aos espaços da chamada “oferta cultural” – *museus e centros de lazer*. Seu *locus* são tecidos urbanos sempre apresentados como “degradados”, “perigosos”, desajustados e incômodos quando confrontados aos valores dos atuais projetos da cidade, territórios como a favela Real Parque.

CAPÍTULO 4 – DA PONTE PRA CÁ: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

*Não adianta querer, tem que ser, tem que pá,
O mundo é diferente da ponte pra cá!
Não adianta querer ser, tem que ter para trocar,
O mundo é diferente da ponte pra cá
Racionais MC's*

Após enfrentar os olhos vigiantes de um território no qual ainda não tinha contato e estabelecer os primeiros diálogos, busquei em cada ator que conhecia o sentimento comum de “fazer parte” (ELIAS, N; SCOTSON, J, 2000), a responsabilidade e dedicação à comunidade natal que criava vínculos entre essas pessoas que ali haviam crescido e acompanhado o processo de reurbanização.

Assim, as aproximações foram sistematizadas em dois momentos, o primeiro em conhecer e mapear o território, onde caminhei pela favela, estabeleci breves diálogos e identifiquei alguns atores. Enquanto o segundo, apesar da informalidade da calçada, dos intervalos de ensaios do grupo de dança foi “oficializado” com a presença do gravador durante as conversas, levantei questões semelhantes com os entrevistados.

Questionei a rotina, a experiência cidadina de morar num solo socialmente fragmentado e a sensação de viver ao lado dum cartão postal da cidade e seu bairro ser plano de fundo para os telejornais da Rede Globo. Durante as conversas busquei compreender o que é viver numa favela e simultaneamente no Morumbi, um dos bairros mais nobres da cidade de São Paulo, objetivei entender como se opera a dinâmica de muitas vezes residir num barraco de madeira inchada ou “predinho da reurbanização” cheio de rachaduras e ter como vizinho um edifício de vidro (FERREIRA, 2015).

E para essa etapa da pesquisa, contei com “GC”, uma espécie de mediadora que facilitou na formação da rede com os entrevistados do território, e como ela se denomina, *uma mulher nascida e crescida nesse contraste todo*, uma moradora do bairro que assumiu o papel de conselheira, me indicou como fazer e principalmente, o que não fazer, as pessoas em que não deveria abordar e as ruas que deveria evitar fotografar para que pudesse continuar entrando e saindo da favela do RP sem ser confundido novamente com um policial civil, título que recebi de um grupo de

adolescentes na minha primeira caminhada pelo RP, pelo simples fato de ter barba e não ser conhecido na “quebrada”.

Para compor esse último capítulo, selecionei alguns trechos das entrevistas realizadas com diferentes sujeitos, moradores do RP e vítimas de um urbanismo de fachada, todos foram tratados anonimamente – com exceção de Marcelo Bbox, compositor do *rap Real Parque VS Ponte Estaiada* – e ajudaram a costurar uma trama não linear, discursos de luta por moradia, violência policial, exclusão social, apatia política e resistência na apropriação da cidade.

Nesse momento optei em escutar as falas invisíveis, daqueles que vivem e sentem cotidianamente os muros físicos e sociais da exclusão de um território fragmentado, sujeitos que em meio as novas formas de produção do espaço são renegados como também produtores do mesmo espaço.

A seleção dos trechos das entrevistas foi realizada a partir dos momentos em que suas falas me saltavam aos olhos durante as conversas, aquele momento em que sua experiência cotidiana ultrapassa qualquer citação de um renomado teórico.

4.1. O RAPPER²⁵

Apresentado por Cotrim (2013, p. 155) e pela mediadora do território, GC (2015), Marcelo Bispo da Cruz, 22 anos, conhecido pelo seu nome artístico, *Marcelo B. Box. Rapper, MC, Beat Boxer*, Cantor e Compositor²⁶. Homem negro periférico, nascido e crescido no RP, oficina cultural com experiência em educação carcerária e articulador do Sarau do Grajaú²⁷, porém hoje trabalha em um grande supermercado da cidade para sobreviver.

COMO SURTIU O RAP REAL PARQUE VS PONTE ESTAIADA?

²⁵ Entrevista realizada com o rapper Marcelo Bbox em setembro de 2015.

²⁶ Mini bio do SoundCloud. Disponível em: <https://soundcloud.com/marcelobbox>

²⁷ Bairro periférico de densa demografia no extremo sul da cidade de São Paulo.

BBOX: Até esse rap que eu fiz mesmo Real Parque VS Ponte Estaiada, o primeiro rascunho já tem dez anos já, que tipo eu ficava gravando e o pessoal pensava que eu tava rimando, mas não, era decorada mesmo, aí só depois que o tempo foi passando, passando, passando aí já começou essa fundação da Ponte Estaiada, que as primeiras obras da PE só começou mesmo 2004, 2005, acho que por aí né? Mas daí só em 2008, no dia 10 de maio, que foi o dia da inauguração da ponte né, ainda o Real Parque não era favela ainda e quando foi um tempo, quando foi em 2010 que teve o último incêndio aqui e foi daí que surgiu mais inspiração pra mim né? Aí eu vi toda aquela coisa assim né? O pessoal assim sem moradia, aí já tava essa questão de reurbanização e essa aí, aí eu comecei a racionalizar aqui na área que é Morumbi né? É o distrito do Morumbi, aí ficou aquela coisa assim, pow esse contraste louco que eu vivo e tal. Aí começou vim aquela inspiração, até que foi que surgiu né? Ainda nessa inspiração eu falei vou fazer um RAP aí comecei uma parte falando assim sobre a ponte, sobre essa visão que eu tenho daqui pra lá né? Aí foi indo, eu fui escrevendo, escrevendo, aí eu ajuntei com esse primeiro rascunho lá de 2005 quando eu falo aquela parte “Minha rima eu vou mandando, Real Parque representando”, aí esse foi o primeiro trecho né? Daí eu fui fazendo rascunho e fui juntando, juntando, até que deu essa letra “Real Parque VS Ponte Estaiada”. Daí eu gravei em 2011, eu gravei ela, divulguei, aí foi indo, aí já fala já do constraste da favela com a ponte.

A EXPERIÊNCIA DE MORAR NO RP

GILIARD: Agora me diz o seguinte, como é a experiência de morar num lugar que é Morumbi, e ao mesmo tempo é um lugar onde as pessoas não tem a mesma situação financeira de quem tá do outro lado²⁸ né? A duas quadras acima, por exemplo. Qual é a experiência de morar no Real Parque? Como é isso pra você? Morar num lugar, como você disse no nosso primeiro encontro que você tá todo dia na Globo, como que é isso?

²⁸ O condomínio em que o irmão do Bbox mora, local onde foi realizada a entrevista é o espaço limítrofe da divisão social no território, um pseudomuro divisor.

BBOX: *Então assim, primeiro assim, tá na Globo né meu, aí você pensa assim né?*

GILIARD: *O que é tá na Globo né?*

BBOX: *Está na Globo é, estou na Globo ali cara, é onde eu moro, no meio de tantas quebradas, a poucos metros do Paraisópolis que é um lugar hoje que está visível assim pela novela, está rolando, está acontecendo, mas o Real Parque ele sempre foi visível ali na TV, no fundo ali da Globo. É maior viagem né, pow. Você sente ali né pow, você sente ali em primeiro lugar sempre. É fácil acesso né? As pessoas que de repente não sabem onde você mora, você fala não, moro ali, aí é fácil me achar, você entendeu? Acho que é mais nessa questão de localidade mesmo, assim fácil acesso. Mas daí essa questão já tipo de viver no Real Parque, já com esse contraste, de conviver assim, que sempre tem aquelas pessoas que ficam assim, “ah isso aqui, ali”, aquela pessoa que tem o preconceito tanto com o pessoal que mora lá ou o pessoal que mora lá tem preconceito com o pessoal daqui, mas pra mim sempre foi uma coisa assim normal, sabe conviver com isso que no mesmo tempo você vê aquela realidade do preconceito, já que aqui é aquilo, vira e mexe tem ocorrência né? Hoje mesmo teve uma ocorrência que foi ali na cruzada do Morumbi com a parte já indo sentido Paraisópolis e é o caminho que eu sempre vou quando eu vou pra rádio. Então teve lá tiroteio, acho que teve um policial que foi baleado*



Imagem 38: Composição de imagens do limítrofe entre a parte pobre e a parte rica do RP.
Fonte: foto própria do autor.

A PONTE

GILIARD: *Então não se tem uma passagem oficial para pedestre?*

BBOX: *Não, não tem. Tem uma parte quando chega numa parte daí é bloqueado, não tem mais, não tem uma continuação. Fica mais como um monumento mesmo que foi feito, daí vira e mexe tem propaganda dele, tem um pessoal que fica fazendo propaganda.*

GILIARD: *Mas ela facilita o dia-a-dia de quem mora aqui?*

BBOX: Não. Não, por um lado facilita, mas é o pessoal que vai mesmo ali e que se arrisca. Que o certo mesmo, que se fosse pra facilitar a vida do pessoal aqui ela podia ter feito uma pequena passarela pra ter acesso a ela, passar por cima assim da Marginal, pra não ter o trabalho de atravessar, ou sei lá de repente ter um farol, mas não, não ia como ter um farol nessa via. Mas acho que era mais isso, uma pequena passarela que passasse pra ponte e da ponte andar até o outro lado tranquilo.

A POLÍCIA

BBOX: Bom, a maior violência pra mim, acho que é a violência policial. É que assim, o olhar deles, a maneira que eles tratam a gente que é daqui. Parece que se você já vem da quebrada, você parece que é obrigado a já ter passagem na policia. Que quando você vai ser enquadrado é sempre a mesma coisa que eles perguntam “Você tem passagem? Você usa droga? Não sei o que...”

4.2. A MEDIADORA: GC²⁹

GC mulher negra de 33 anos, mãe solteira, educadora social de uma ONG do RP e articulada socialmente no bairro por conta do seu trabalho de luta por moradia.

A PONTE

GILIARD: Essa ponte tem uma função pra vocês? e qual é a função dela?

GC: Nenhuma! Ela não tem função nenhuma, até porque a gente não tem como se locomover até lá, só se a gente atravessar a Marginal, e não tem nenhum farol, nem um nada que a gente possa, então a gente tem que atravessar no meio dos carros né... não tem utilidade nenhuma pra gente não, só pela beleza mesmo, final de

²⁹ Entrevista realizada com GC em outubro de 2015

ano que eles (PMSP ou algum patrocinador) coloca um monte de luizinha, fica aquela coisa linda, mas pra gente não tem utilidade.

GILIARD: *E se você pudesse dar um nome pra essa ponte, você daria qual nome pra ela?*

GC: *Roberto Marinho.*

GILIARD: *Roberto Marinho?*

GC: *É, que é a ponte da Globo né? Que é o destaque que eles têm na televisão todos os dias.*

4.3. MC: SUJEITO DO TERCEIRO SETOR³⁰

Homem negro periférico de 44 anos, articulador comunitário, militante do terceiro setor há 25 anos, funcionário público (inspetor de escola) há 19 anos e pai de duas filhas, motivo o qual o mobilizou no desenvolvimento de projetos sociais.

MURO IMAGINÁRIO

MC: *Nós estamos aqui no meio da elite do Morumbi, então nós estamos de um lado que tem a Marginal né? Tem a Ponte Estaiada e tem a Globo, e do outro lado tem as mansões né? Dos carros blindados, vidro escuro, com segurança 24 horas no bairro né? [...] aqui é uma ilha você entendeu? E aqui já tem um muro imaginário desses jovens você entendeu? De atravessar a ponte, de ir atrás de algum lazer, por exemplo, num tem aqui no bairro, então o mais próximo daqui é você ir pro Parque Ibirapuera, o Parque do Povo você entendeu? Mais se tem que atravessar, e é condução, é você tem que ter essa grana pra poder fazer isso...*

A CAPA DA VEJA ESTÁ MENTINDO

MC: *Era muita árvore, aqui você podia brincar né, e muito barro né? Mais meu, mais questão assim de 5 anos, 6 anos transformou em imensos arranha-céus, e assim*

³⁰ Entrevista realizada com MC em fevereiro de 2016.

pra tirar a questão das árvores foi numa facilidade tão grande né, e que deixa a gente meio revoltado e que parece que a gente está invadindo o Morumbi, não ao contrário, é o pessoal que invadiu a questão do Real Parque você entendeu? Então não é o Real Parque que invadiu o Morumbi, é o Morumbi que invadiu o Real Parque você entendeu? Então é assim, você arranca as árvores com uma facilidade imensa, e eu fico vendo com a questão da urbanização nossa o quanto foi difícil pra liberação do verde, do Meio Ambiente pra tirar uma árvore pra construir um Conjunto Habitacional pro pessoal da comunidade, o impacto ambiental, mais nunca teve um estudo pra contar tanta árvore que foi arrancada, e árvores lindíssimas, com troncos imensos, e que foi arrancado com uma facilidade pra construir aí mega mansões que é revoltante assim, a mudança foi muito rápida você entendeu? Muito rápida, e a gente ficou cada vez mais fechado né? A gente se sentiu como fala? É meio que aprisionado mesmo você entendeu?

VIOLÊNCIA

GILIARD: *Morar no Real Parque é violento? Como que é? Você acha que é um bairro violento?*

MC: *Não, não é um bairro violento, é estranho mais você morar dentro do Real Parque, eu me sinto seguro dentro do Real Parque, mais eu não fico seguro quando tem polícia, por exemplo, dentro do Real Parque, a nossa insegurança é quando a polícia tá aqui. Por quê? Porque quem mora na Comunidade todo mundo já sai como suspeito, todo mundo já é suspeito, e a gente tem N fotos e vídeos de abuso policial dentro da comunidade, nesse segundo semestre, só pra você ter ideia nesses últimos 3 meses nós estamos com um problema seriíssimo dentro da Comunidade que é de abuso policial, de policias forjando flagrante em cima de trabalhador, nós temos 3 presos, três! Trabalhadores preso, e que a gente conhece, você entendeu? Na semana passada uns menores foram pegos pelo pescoço pelo policial, só que a comunidade o pessoal começa a filmar, e a própria polícia começa a filmar os moradores que estão filmando, porque se você tiver alguma denúncia alguma coisa, os próprios policias já sabe que de prédio que veio, porque você já tem a imagem de quem fez a filmagem.*

GILIARD: *Então vocês não fazem nenhuma denúncia?*

MC: *Como você vai fazer com a denúncia? Porque a voz do policial é a que vale, pra nós (ele) é um bandido de farda.*

GILIARD: *A figura mais violenta pra vocês é o policial?*

MC: *É o policial, sabe por quê? É ele que chega e bate na cara das mulheres e chama de vagabunda, não é bandido! E sei que é complicado, não estou aqui defendendo de maneira nenhuma a questão do tráfico, mais a polícia reforça o poder do tráfico dentro da comunidade, por mim a polícia pode entrar a hora que ela quiser, faça o trabalho dela, pegue quem tem que pegar, se você tem dúvida não bate, levanta, verifica quem é, se você não tem prova nenhuma então não tem que ficar forjando nada pra ninguém, você entendeu? Faça o seu trabalho, aja aqui dentro do mesmo jeito que você age do outro lado, você entendeu? Do Morumbi. Um policial num entra na casa de um morador do Morumbi pra saber se tem droga ou não, ele só entra com mandato, aqui invade e se você não deixar, desce a mão e fala que você é bandido, e fala que encontrou droga na sua casa, independente de você ser trabalhador, de você ser super honesto, e ainda toma um tapa na orelha ainda pra largar a mão de ser besta, por você ter pedido um mandato pra poder entrar dentro da sua casa, porque quem pede mandato na visão deles aqui dentro é porque você deve estar escondendo alguém. Mas essa fala não é a mesma quando você vai pro lado do Morumbi, é nisso que a deixa a comunidade revoltado com a questão da segurança, ou a questão de insegurança, você entendeu? E é complicado pra gente, como é que a gente passa isso pra questão dos jovens?*

GILIARD: *É isso que eu queria te perguntar, chega a um momento dessas informações com os jovens que vocês vão discutir a questão a violência, a questão do que representa o policial né? Mais dia menos dia eles acabam questionando também, por mais que não toque diretamente como que se dá isso né? Porque é um mega jogo de cintura que você tem que ter né? Porque ao mesmo tempo o policial ele representa uma figura pro estado, tem aquela coisa, o policial tem que proteger, em contra partida uma realidade totalmente descolada da prática, a teoria é uma coisa e a prática se dá totalmente diferente.*

MC: *E é assim, e é complicado de você passar isso pro jovem porque você fica naquela, daquilo que é real, daquilo que é legal, o moral e o legal, você entendeu? Porque assim moralmente, os caras têm tudo na mão, o tráfico tem, eles têm o comando da comunidade, eles não vão deixar ninguém entrar na sua casa e pegar dentro da sua casa, porque se pegar os cara tem que dar satisfação, cê entendeu? Agora se polícia chegar à porta da sua casa e você deveria se sentir seguro, aí é que você tem que trancar tudo, pra eles não invadir a sua casa, tem que ficar de olho no seu carro pra ver se eles não vão querer verificar se você deve alguma coisa ou não e não vai colocar nada dentro do seu carro, bandido não vai fazer isso com morador.*

GILIARD: *Você já sofreu alguma violência policial direta?*

MC: *Já! Eu tenho um cunhado que tá preso, e é difícil de você provar que é um cara que trabalhava, você entendeu? É difícil de você provar porque o policial falou que ele tava vendendo droga, porque o policial pegou dois menores vendendo, só que ai a gente sabe que menor não responde, e jogou pra cima de dois maiores de idade que estavam próximos. Uma vez me pararam, mas também foi um gesto meu impensado deu ter levantado a mão e batido na porta do carro, porque eu tava descendo e o policial fez que ia encostar e eu ia passar por trás dele, só que não coube o carro da polícia, e eu tinha acabado de pegar o carro e não sabia dar ré no carro, eu falei puta merda eu vou ter que dá ré, só que nesse gesto o policial achou que eu estava desrespeitando eles, meu foi um absurdo meteram algema, jogaram metralhadora... Eu estava trazendo os jovens da Câmara Municipal, ai o pessoal desceu, as meninas desceram correndo e foi falar “A polícia quer prender o Marcos!” Automaticamente todos os jovens, você imagina nós estávamos em 40 jovens dentro da Associação, subiu todo mundo, subiu pai, subiu família, subiu todo mundo e fechou a rua, e começaram a desrespeitar o policial, eu pedi pro pessoal parar né? Que a gente ia resolver, que não sei o que, e ai minha sogra chegou mais próximo porque queria saber o que tava acontecendo, meteram algema na minha sogra, você entendeu? Ai pra eles, essa visão pra eles não é de um cara trabalhador e que faz faculdade, é que faz parte do tráfico e compram essas pessoas, e ai você vê é da civil, ai cara batia no carro e falava “Aqui é da civil, aqui é estado, aqui mata criança, aqui mata cachorro, aqui mata velho, aqui vocês tem que respeitar”. Os caras só diminuiram um pouquinho na hora que eles pediram pra eu abrir minha bolsa que tava*

dentro do carro, e que eles viram que era coisa de faculdade, ai eles perguntaram pra mim “Você faz o que? / “Eu faço pedagogia”. Então eles viram que não estavam falando com qualquer um, que eu sabia o mínimo da questão de direito, e você falar que eles estão ultrapassando a questão dos direitos dele, que você tá infligindo os meus direitos, pow cara é a mesma coisa que você dar um tapa na cara de um policial, o policial falou “É melhor você nem terminar a frase, se você terminar a frase eu te prendo”. Então você vê que é complicado, então o que a gente fala pro jovem, evita, se ele falar alguma coisa fica quieto e não fala nada, deixa eles falarem o que eles quiserem, não dê munição pra eles arrumar alguma coisa contra você, entendeu? Evita esses lugares, evita de ficar de madrugada, você entendeu? Quer dizer viva entre aspas, porque se chegar a polícia pare de viver e vá pra sua casa, você entendeu?

GILIARD: *E ai pegando exatamente essa tua fala né “Se chegar a polícia para de viver e vai pra tua casa”. Como que se dá essa coisa da apropriação da cidade né? Porque tem muitos espaços em São Paulo.*

MC: *Isso é pra quem tem dinheiro!*

GILIARD: *Como que se dá isso?*

MC: *Fala essa é pra quem tem dinheiro, pra você poder ir de carro e você chegar até esses locais, primeiro que você vê, aqui os ônibus para de funcionar 11:30 da noite, se aproprie dos lugares mas não vá pra depois das 10:00 da noite senão você não volta pra sua casa, porque não tem ônibus, metrô fecha meia noite, então você não vai voltar pra sua casa, e como é você ir pra um lugar desse, que nem eu tava vendo ai da Biblioteca...*

GILIARD: *Mário de Andrade?*

MC: *Mário de Andrade, que tava tendo não sei o que 24 horas, se vai pra um evento desse, fala pro jovem “Vamos lá que é legal”. Você entra depois dentro comunidade meia noite, uma hora da manhã, um monte de jovem entrando uma hora da manhã “Tava vendendo droga, tava usando droga, tava aprontando alguma coisa, aonde vocês tava roubando?” Essa vai ser a fala, eu jamais vou falar para um jovem ir pra biblioteca de madrugada, jamais! Você entendeu? Por quê? Porque se eu sei*

que se ele voltar pra casa e acontecer alguma coisa, a minha consciência, porque eu incentivei eles a ir para uma biblioteca, você entendeu? É complicado você se apropriar do espaço onde você não tem condições, você entendeu? Não tem!

URBANISMO DE PRANCHETA VS URBANISMO ETNOGRÁFICO

MC: *É um projeto que eu acho super bonito, é só que não houve a participação da construção desse projeto, a participação da comunidade né? Então pra você ver, porque você mora na favela não pode ter carro? Nós temos carro...*

GILIARD: *Eles não pensaram em garagem?*

MC: *E aonde vai por? Você entendeu? Eu acho que você poderia nesse mesmo formato se poderia ter em baixo colocado garagem, você entendeu? Você poderia ter pensado um pouco mais na questão da cidade, você entendeu? A gente fala tanto da questão do problema da falta de água, da questão do consumo, não sei o que, por que não aproveitou também e fez uma coisa mais utilizando a questão do, sei lá, do Sol ai...*

GILIARD: *De Chuva, de energia solar...*

MC: *De reaproveitamento, não poderia ter pensado? Já que ta pensando nisso todo, faz com que seja um modelo, mais um modelo num contexto todo, você entendeu? Não só em metade, pra quem é da favela tá bom, já que vai fazer um negócio, vamos fazer um negócio bem feito, vamos ser exemplo para os outros, né? Que a gente tem uma mania de buscar tudo fora, que tudo que é americano é bom, tudo de lá de fora é bonito, o Singapura é bonito, porque lá em Singapura lá é assim, já que vai trazer o negócio pra cá vamos fazer um negócio bonito e mostrar que pode ser melhor que aquele, não, tem que ser daquilo pra menos, nunca daquilo pra mais, né? Então eu acho que tem que ter uma mudança da questão dessa visão você entendeu? Os prédios são tão bonitos, mas que teve muita lavagem de dinheiro, o que foi apresentado pra comunidade não foi o que foi construído.. Tem muita coisa mal feita, feita de qualquer jeito, material de má qualidade, ai você fala “Nossa que lindo”, bonito mesmo! Pra gente poder arrumar a casa que foi entregue pra gente,*

gente a parede você não tem ideia, pra você deixar aquela parede reta, pra tirar os buracos e colocar um azulejo, porque pobre também põe azulejo na cozinha...

MC: *Você entendeu? Põe azulejo no chão, o pessoal acha que é tudo é só cimento queimado, não é não, tem pessoa que coloca, tem pessoal que é limpinho, coloca azulejo, coloca cerâmica. E eu ouvi isso, de uma arquiteta, quando foi feito esse comércio ela chegou e falou assim “Nossa a gente não sabia que o pessoal era tão organizado, a gente pensou que ia ser uma coisinha só, mais o pessoal tem mercearia, tem cabeleireiro, tem isso e tem aquilo”, Aí os box ficaram pequenininho demais, sem estrutura e a lixeira longe, que tem uma lixeira pro pessoal do prédio, pra dois prédio, e uma lixeira pra todos os box, só que assim é um no começo da rua, o box no começo da rua, e outro no final da rua então quem mora lá no começo da rua tem que atravessar a rua toda pra jogar, não vão jogar, se tem uma outra lixeira do prédio antes, eles vão jogar ali, a mesma coisa do pessoal que mora no prédio do fim da rua, eles tem que vim até o começo da rua pra jogar o lixo? Eles vão jogar na lixeira que tiver mais próxima deles. “Ah mais a gente não pensou que eles era tão organizados!”, escutar isso de uma arquiteta da própria Prefeitura de Hab? É complicado, é dolorido você entendeu? Mais eles são os estudados né? Eles têm esse diploma.*

GILIARD: *Essa arquiteta que pensou que vocês não eram organizados já conversou com os moradores?*

MC: *Nunca sentou pra ouvir, e às vezes aparece lá tira uma foto pra falar: “Olha estamos trabalhando com a Comunidade!” É o que mais tem é tirar uma foto para mandar, pra falar pro povo que tá trabalhando com a comunidade, isso é muita conversa fiada, eu acho que o povo tem que parar de votar, começa por aí, não vota em mais ninguém e vê que bicho vai dá, ou senão muda tudo “Você já foi eleito?” Não pode se reeleger de novo, coloca outra pessoa, e parar de ficar vendendo voto, que você ganha uma cesta básica e você ficou amarrado com esse cara, esquece, na hora que você vai precisar dele você não encontra mais ele.*

4.4. OS JOVENS DA COMPANHIA DE DANÇA 7ARTES³¹

Jovens de 19 a 26 anos, responsáveis pela Companhia de Dança 7Artes, moradores do RP e Jardim Panorama – bairro periférico vizinho, fora do mercado de trabalho formal e utilizam a dança como ferramenta para manter as crianças ocupadas no horário contra-turno da escola formal e aos finais de semana.

PRAÇA PÚBLICA E PRIVADA

GILIARD: *Um ponto que eu queria conversar com vocês, que eu quero compreender de vocês é o seguinte, semana passada uma das garotas do grupo, não lembro o nome dela, acho que é tua irmã? Uma de cabelo cacheado... ela comentou que algumas vezes vocês estão sem espaço pra ensaiar, um espaço fechado, vocês vão ensaiar na praça, e ela comentou que a praça é aberta, mas ela é fechada...*

JOVEM R: *Isso! É bem isso mesmo.*

GILIARD: *Como que se dá essa dinâmica, do espaço ser aberto, mas é fechado né? Como que é esse contraste de Favela e Morumbi? Real Parque e prédios espelhados?*

JOVEM R: *É uma situação um pouco delicada né? Tem que ter mais um joguinho de cintura, porque é o seguinte, quando a gente ensaiava lá, ensaiava não a gente ensaia ainda quando dá, a gente ensaia lá na praça a gente pega, a gente começa a ensaiar daí sempre chega o segurança e fala: “Oh não dá pra ensaiar aqui porque tá incomodando os moradores, que não sei o que, que o som tá alto” – mentira é som de celular, que o som tá alto, ai tipo a gente ficava meio assim ai a gente ia embora e no dia seguinte voltava de novo, e ai tipo era praticamente fechado, entre uma a duas horas de dança, ele vinha, ele vinha e ai tipo “Tem que ir embora, e não sei o que” e a gente voltava.*

JOVEM A: *A gente sabe que eles não podem expulsar a gente!*

GILIARD: *E por que vocês iam embora?*

³¹ Entrevista realizada com quatro adolescentes da Companhia de Dança 7Artes em outubro de 2015.

JOVEM A: *Só que às vezes eles chegam na gente, a gente fica meio que sabe com receio, é coisa da gente mesmo...*

GILIARD: *Receio de que?*

JOVEM A: *Não sei é uma coisa tipo que já é dentro da gente, do pessoal ficar olhando de cara feia, ficar reclamando...*

JOVEM R: *É teve uma vez que a gente tava ensaiando e apareceu um carrinho da guarita que sempre fica rondando, mais só que tipo tem uma diferença, ele ronda aquela área inteira, ele só rodeou naquela praça e ficou lá até a gente ir embora, enquanto a gente não foi embora ele não saiu de lá, aí a gente tava ensaiando naquelas... “Será que ele vai vir aqui? Será que vai expulsar a gente daqui?”. Mas a gente continuou lá, mas aí depois que a gente foi embora o carro pegou e foi embora, ele passou pela gente e foi embora normal.*

JOVEM A: *Lá tem esses problemas assim, mas tem pessoas que chegam na gente e elogiam o trabalho que a gente tá fazendo, dão parabéns sabe.*

GILIARD: *E essa praça fica onde? É sempre a mesma praça?*

JOVEM A: *Ela é literalmente fora do Real Parque, ela é do lado do Alcântara*

JOVEM N: *Ela é rondada por prédios de riquinhos (risos).*

JOVEM R: *Tipo aqui é a praça e em volta tem um monte prédio*

GILIARD: *Daqui pra lá caminhando dá quanto tempo?*

JOVEM A: *É só condomínio fechado.*

JOVEM R: *Dá quinze minutos.*

MORAR NO CONTRASTE

GILIARD: *Como é a experiência cotidiana de morar num lugar que é Morumbi, que é favela, e ao mesmo tempo é televisionado pela Globo? Porque o estúdio Glass, que é o estúdio do Bom dia Brasil, do SPTV primeira edição, e segunda edição tá aqui na frente, e vocês são plano de fundo pros telejornais da Globo né, altera alguma coisa no cotidiano de vocês? Já pararam pra pensar o que é estar todo dia na Globo?*

JOVEM R: *Ééé, uma gaiola, eu acho que tipo pra mim é uma gaiola porque, no meu ver eles levantaram, tem a urbanizaram do Real Parque e do Panorama...*

JOVEM A: *Essa urbanização não vamos dizer que também não foi porque a gente foi atrás, porque era pra deixar uma coisa mais bonita.*

JOVEM R: *Foi tipo levantaram, vamos fazer a urbanização do Real Parque pra não ficar feio pra aparecer na imagem da Globo, porque a Globo ela é conhecida pela imagem, pela qualidade do que ela mostra.*

JOVEM A: *Se você for olhar todos esses prédios que os bombeiros passaram olhando e falaram que tão bom... Tem prédio que está com rachadura que se vê assim, passando no meio do prédio.*

JOVEM L: *Meu eles fizeram os prédios só pra sabe? Ah está bom!*

JOVEM A: *Qual prédio que não tem uma rachadura? E não é num só lugar, é quase que no prédio todo.*

JOVEM L: *E não é só uma rachadurinha, é tipo atééé o quinto andar...*

JOVEM R: *E detalhe, que em menos de um ano isso ai tem, tipo, se fosse tipo um prédio de 20, 50 anos, beleza tem uma rachadura mais tem menos de um ano, então já tem uma rachadura, nossa gente tem N coisas...*

JOVEM A: *A gente tá reclamando é mais por esse visual e por essa questão, a gente é uma coisinha que tá aqui ai eles querem tirar a gente sabe? Se eles conseguirem tirar a gente pra eles ia ser maravilhoso porque isso aqui que tá aqui no meio irrita eles, a gente os irrita.*

JOVEM R: *Como se fosse uma pedra no sapato.*

GILIARD: *Aí pegando justamente esse gancho dessa tua fala, tem uma matéria da Veja, uma capa de 2001, janeiro de 2001 diz o seguinte: “O cerco da periferia”, a capa da revista, aí diz que “os bairros de classe média estão sendo espremidos por um cinturão de pobreza e criminalidade que cresce seis vezes mais que a região central das metrópoles brasileiras”. Basicamente diz que bairros como o Morumbi estão sendo espremidos pela favela, quê que vocês acham disso? Eles estão sendo espremidos de fato ou não? Como se dá essa dinâmica?*

JOVEM R: *Não, acho que é inverso, eles tão espremendo, como eu disse pra eles é mais fácil eles te uma visão limpa, e não faz por onde manter um conjunto.*

JOVEM C: *Em outras reuniões que teve antes da urbanização, pessoas que já são da Associação de moradores falaram mesmo que eles participavam, que se fosse depender deles isso aqui seria uma praça.*

JOVEM R: *O Real Parque inteiro, Panorama e Real Parque seria uma praça enorme, o Panorama mesmo que eles tiraram e fizeram o Shopping Cidade Jardim, eu morava num dos lugares, eu morava ali.*

JOVEM L: *É meu.*

JOVEM A: *Você mora na favela e do lado está o Shopping mais caro que você já viu na sua vida, você vai comprar uma roupa é quase... Duas casas (risos)*

O DESLOCAMENTO

GILIARD: *Agora pegando a tua escola em específico já que você acabou de falar dessa ponte, você vai a pé pela Ponte Estaiada ou pela Ponte do Morumbi?*

JOVEM A: *Ah quem passa pela Estaiada? (risos)*

JOVEM C: *A Estaiada ainda não pode usar porque ela num é segura...*

JOVEM R: *Dois motivos, uma porque ela não é segura, e a outra porque tipo é bem raro a polícia deixar passar, fala que não pode, e outro motivo você pode ser assaltado*

GILIARD: *Então pensando exatamente nisso, essa ponte ela facilita o deslocamento de vocês pela cidade?*

JOVEM R: *Não!*

JOVEM A: *Não, pra gente que anda a pé não.*

GILIARD: *E para vocês? A Ponte Estaiada facilita pra você alguma coisa?*

JOVEM C: *Não.*

JOVEM A: *É uma coisa bonita pra tirar uma foto, pra mim é a mesma coisa daqui, é uma coisa bonita pra tirar foto.*

GILIARD: *Ok. E pros demais que moram no Real Parque na opinião de vocês, vocês acham que a ponte serve pra alguma coisa pra quem mora no Real Parque?*

JOVEM R: *Não porque ela é contramão.*

JOVEM A: *Ela ajudaria se fosse uma ponte pra ajudar as pessoas aqui teria uma passarelinha pro pessoal poder chegar mais rápido na escola, porque indo dela pro Oswaldo (escola pública da região onde os entrevistados estudam ou estudaram) é muito mais rápido...*

JOVEM R: *Muito!*

JOVEM A: *É melhor do que você dá essa volta toda...*

GILIARD: *E indo pro Oswaldo pela Ponte Estaiada vocês levam quanto tempo?*

JOVEM A: *Vixi alí é uma meia hora, 20 minutos*

JOVEM R: *Uns 20, 25 minutos, bem rápido!*

GILIARD: *E pela do Morumbi, dando a volta?*

JOVEM R: *Nossa praticamente quase uma hora, uma eternidade! Se for de manhã ainda pega trânsito.*

ADOLESCENTE A: *50 minutos, uma hora*

4.5. A ÚLTIMA CAMINHADA

No dia 14 junho de 2017 realizei a “última caminhada” na favela do RP, a última observação participante dessa pesquisa. Nesse dia, notei que as construções já foram finalizadas, mas nem todos os moradores foram contemplados. Segundo AP, vigilante noturno da obra há dois anos – que conheci no bar Pankararu quando fui comprar água – apenas 110 famílias foram beneficiadas na última etapa da reurbanização e as outras 180 continuam morando em barracos no Real Parque.

AP afirmou que existe um movimento de resistência dos moradores não beneficiados com o projeto de reurbanização na criação de uma UPA ou AMA na favela e garante que assim que a PMSP tirar os materiais da construção do terreno, os moradores vão invadir e construir barracos.

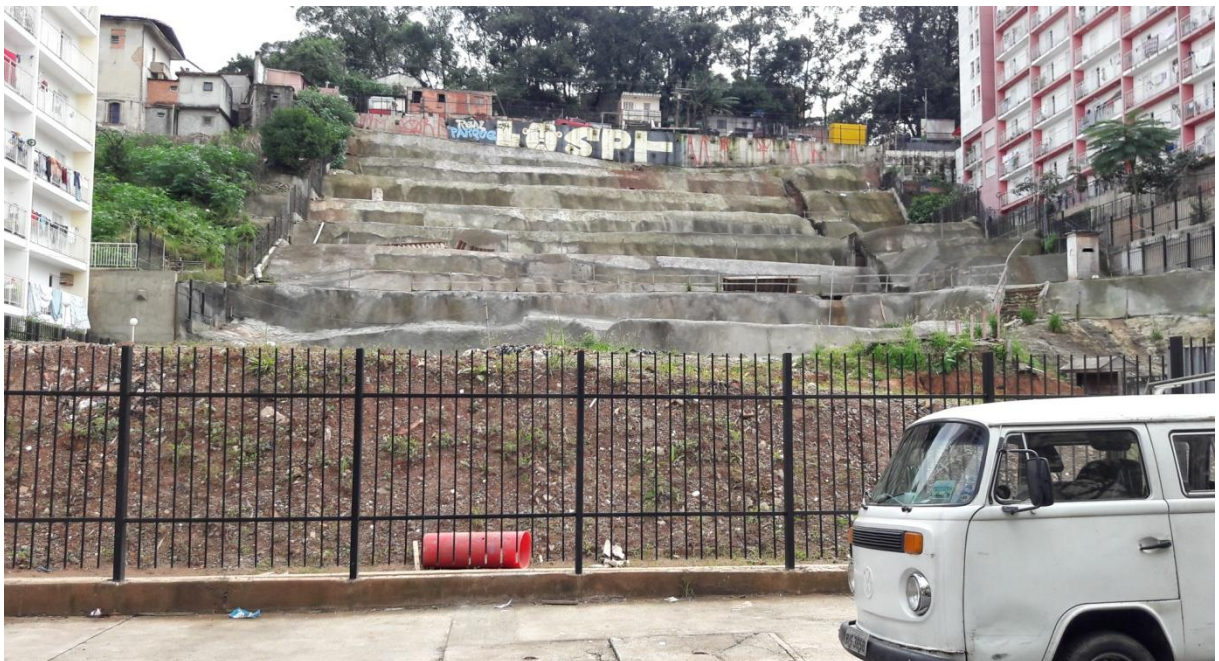


Imagem 39: Terreno da PMSP.
Fonte: foto própria do autor.

Já, segundo E&E, proprietários de um sacolão do RP, as obras da UPA ou AMA estão suspensas, pois no final da gestão do Haddad (ex Prefeito da cidade de São Paulo), os moradores foram informados que a PMSP não tinha mais verba para terminar o projeto.

Por fim, fui visitar GC, minha mediadora com o território, na ONG onde trabalha e ela me garantiu que a informação do AP é real, que “o movimento” não quer UPA nem AMA, “o movimento” quer moradia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje a exclusão não é percebida como resultado de uma momentânea má sorte, mas como algo que tem toda a aparência de definitivo. Além disso, nesse momento, a exclusão tende a ser uma via de mão única. É pouco provável que se reconstruam as pontes queimadas nos passados. E são justamente a irrevogabilidade desse "despejo" e as escassas possibilidades de recorrer contra essa sentença que transformam os excluídos de hoje em "classes perigosas" (BAUMAM, 2009, p.23)

E a dinâmica opera exatamente dessa maneira, os excluídos se tornam perigosos, apresentam um ameaça aos cidadãos de "primeira-fila" como chama Baumam. Nas minhas idas ao campo, busquei coletar anseios, histórias e percepções dos moradores entrevistados, e o que captei foi isso, anseios e histórias de sujeitos de "última-fila" que são excluídos dentro de seu próprio bairro, o Real Parque.

Ainda para Baumam (2009, p. 32), em poucas palavras, as cidades se transformaram em depósitos de problemas causados pela globalização. Os cidadãos e aqueles que foram eleitos como seus representantes estão diante de uma tarefa que não podem nem sonhar em resolver: a tarefa de encontrar soluções locais para contradições globais.

Ao longo dos dois anos dessa pesquisa, por meio da observação participante, pude partilhar da espacialidade e buscar compreender a experiência cotidiana de sujeitos que vivem invisibilizados, moram em um dos bairros mais caros da cidade, mas simultaneamente vivem à margem, são sujeitos periféricos.

No Real Parque, durante o último programa de urbanização da favela (gestão Haddad – 2013/2016), os moradores da "parte rica" do Real Parque protestaram contra a urbanização da favela sob a justificativa que ela estava avançando e que a área verde do bairro ficaria dentro da comunidade, o que atrasou as obras, a influência das famílias com poder na cidade de São Paulo (Veja São Paulo, 2016).

Teresa Caldeira (2000) afirma que a cidade de São Paulo, hoje é uma cidade feita de muros. Barreiras físicas são construídas por todo lado: ao redor das casas, dos condomínios, dos parques, das praças, das escolas, dos escritórios. A nova estética da segurança decide a forma de cada tipo de construção, impondo uma lógica fundada na vigilância e na distância.

E em meio essa lógica da distância, da segurança, vemos um elemento importante, o veículo, símbolo ultrapassado de mobilidade urbana e elemento de *status* social, tendo em vista o histórico de congestionamento na cidade. E para aliviar os tão recorrentes engarrafamentos da cidade de São Paulo, na região do Morumbi, foi inaugurado em 2008 um novo símbolo urbano, a Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira.

Curiosamente, antes da PE terminar de ser construída, ela já tinha o título de cartão postal, “nasceu” símbolo e recebeu um nome de poder, Octávio Frias de Oliveira, o fundador do Grupo Folha de São Paulo. Projeto do engenheiro Francisco Catão Ribeiro, a ponte inovou em seu estilo de construção, por conta das pistas independentes, curvas e estaiadas, que são conectadas a um mesmo mastro, que mede 138 metros de altura, equivalente a um prédio de 46 andares.

A construção de símbolos urbanos é uma estratégia comum do *city marketing* em transformar o espaço em mercadoria por meio desses elementos que ao mesmo tempo que produz uma representação de cidade global, de cidade do futuro, pasteuriza a experiência na cidade, já que a arquitetura-ícone é uma característica da cidade global

A PE, objeto dessa pesquisa, está localizada na região da Berrini-Morumbi, eixo sudoeste da cidade de São Paulo, atual centro econômico-financeiro, e já serviu de cenário para inúmeros usos comerciais, desde o Desfile *ELLE Summer Preview* até a gravação de algumas cenas do filme *Ensaio sobre a cegueira*.

Porém o uso mais recorrente da PE é ser pano de fundo dos telejornais da Rede Globo, o *SPTV* e o *Bom Dia São Paulo*, ambos transmitidos do *Glass Studio*, localizado atrás da PE, além de ser televisionado constantemente pelas telenovelas da mesma emissora.

A região da PE foi construída pela Construtora Bratke-Collet, tendo em vista que ela foi a primeira a se interessar em promover a transformação da Avenida Luis Carlos Berrini na década de 1970, quando definiram se especializar em edifícios de escritórios, inaugurando um estilo próprio e inovador para a época, e assim, deixando impresso seu domínio do discurso visual na espacialidade.



Imagem 40: Ponte Estaiada Octavio Frias de Oliveira V.
Fonte: foto do próprio autor.

Já do outro lado da ponte, no bairro do Real Parque, pertencente ao distrito do Morumbi, a estética, a maneira de ocupar o solo, a relação espacial, o imaginário e apropriação de cidade é outra. Inclusive, segundo um dos entrevistados, apropriação da cidade é somente para aqueles que tem dinheiro, afinal como irão se apropriar se não terão transporte para voltar para casa?

Quanto à origem dos moradores do RP, em sua maioria são migrantes dos Estados do Norte e Nordeste do Brasil, com destaque aos índios da tribo Pankararu, que vieram para a cidade com intuito de trabalhar na construção civil. De acordo com a SEHAB, a favela Real Parque foi fundada em 1956 e num primeiro momento, a localidade foi batizada de favela da Mandioca, por conta da enorme plantação desse tubérculo na área.

Porém apenas nos anos 90, durante a gestão do ex-prefeito Paulo Maluf iniciaram-se as obras de reurbanização da favela, por meio da construção dos edifícios do Cingapura, que eram operados na lógica do “fachadismo social”, ou seja, construir prédios que ficavam na frente de favelas sem urbanizá-la totalmente, apenas para esconder a pobreza, estratégia essa, conhecida mais como marketing eleitoral do que projeto habitacional.

Operados na mesma lógica, os apartamentos do Programa Municipal de Urbanização de Favelas da PMSP das gestões Kassab e Haddad não pensaram no habitar, foram realizados pensando no imóvel, na propriedade. Uma política de moradia que anula diferentes possibilidades de mobilidade urbana ao não construir garagens e ignorar que favelado também pode ter carro.

E por mais que o veículo não seja a melhor alternativa de locomoção pela cidade, em um bairro onde os ônibus circulam apenas até as 23h30, é uma possibilidade de locomoção que não pode ser ignorada, mas o que vemos nesse projeto de reurbanização é o típico urbanismo de prancheta, que se reproduz nele mesmo e é bem diferente no urbanismo etnógrafo, aquele que se preocupa no habitar e nas relações sócio-espaciais dos moradores.

Inclusive ao longo da pesquisa, cursei uma disciplina na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU – USP), *Formação*

Urbana e Condicionantes da Produção do Espaço no Brasil, ministrada pelos Professores João Sette Whitaker Ferreira, Flávio Villaça e Karina Oliveira Leitão, onde numa das aulas, com 34 arquitetos numa turma de 37 alunos, questionei como funciona a dinâmica para compreender as necessidades dos habitantes das moradias populares, se fazem etnografia, reuniões com associações de bairro ou já trazem um projeto pronto para ser executado no local, anulando a possibilidade do periférico falar como quer morar, do que precisam, se garagem é importante e informações do tipo. Lembro até hoje do silêncio, que depois de algum tempo foi interrompido pela resposta “Se construímos garagem, diminuimos o número de moradia”. A lógica é essa, pensar na propriedade e não no habitar e o resultado são calçadas tomadas por veículos, já que não têm onde estacionar.



Imagem 41: Veículos nas calçadas do Real Parque.
Fonte: foto do próprio autor.

Propositalmente finalizei a pesquisa com a escuta de outro urbanismo possível, a partir das vozes dos moradores do bairro que vivem os efeitos de exclusão por conta da construção de símbolos urbanos, elementos da arquitetura-ícone, tão comum nas atuais cidades globo-pasteurizadas.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1986

BAUMAM, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BECKER, Howard. *Segredos e Truques de Pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BESSA, Altamiro Sérgio Mol; ÁLVARES, Lúcia Capanema. *A Construção do Turismo: Megaeventos e outras Estratégias de Venda das Cidades*. Belo Horizonte: C/Arte, 2014.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Editora 34: São Paulo, 2000.

EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John I. Cap 5 As associações locais e a “rede de famílias antigas”. In: *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FIX, Mariana. *Parceiros da exclusão: duas histórias da construção de uma “nova cidade” em São Paulo: Faria Lima e Água Espraiada*. São Paulo: Boitempo, 2001.

_____. *São Paulo Cidade Global: fundamentos financeiros de uma miragem*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

FRÚGOLI JR, Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez, 2000.

HOLSTON, James. *Cidadania insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MENESES, Ulpiano T. B. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). *Turismo e Paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 29-64.

_____. Os “usos culturais” da cultura: Contribuições para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, Rita de Cassia

A. da (Orgs.). *Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura*. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 88-99.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SÁNCHEZ, Fernanda. *A reinvenção das cidades para um mercado mundial*. Chapecó, SC: Argos, 2010.

SANTAELLA, Lucia. *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____; NOTH, W.. *Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos; VOGEL, Arno (coord.). Os trabalhos e os dias. In: *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. São Paulo: Projeto, 1985.

SINGER, Paul. *Aprender Economia*. São Paulo: Contexto, 2006.

SZMRECSÁNYI, Tamás. *História econômica da cidade de São Paulo*. São Paulo: Globo Livros, 2004.

TELLES, Vera da Silva; CABANES, Robert (Orgs). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

URRY, John. *O olhar do Turista: lazer e viagens na sociedade contemporânea*. São Paulo: Studio Nobel, 1990.

YÁZIGI, Eduardo. *A alma do lugar: Turismo, planejamento e cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001.

ZIZEK, Slavoj. *Violência*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In Antonio Arantes (org). *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES

ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre dos Santos. *O regime imagético Pankararu (tradução intercultural na cidade de São Paulo)*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, SC, 2011. 422 p. Disponível em: <<http://pct.capes.gov.br/teses/2011/41001010017P0/TES.PDF>>. Acesso em 16 jul 2017.

COTRIM, Luciana Rossi. *A Ponte Estaiada Octávio Frias de Oliveira na construção de sentidos para a cidade de São Paulo*. 2013. 258 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: < <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4550?mode=full>>. Acesso em 18 nov. 2023.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. *Nas tramas da segregação: O Real Panorama da Pólis*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-13102009-114940/pt-br.php>>. Acesso em: 02 jun 2016.

MAZARIM, Diego Montagnini. *Histórico das pontes estaiadas e sua aplicação no Brasil*. 142 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3144/tde-04112011-144914/pt-br.php>>. Acesso em: 20 abr 2017.

RIBEIRO, Giliard Sousa. *A (des) construção conceitual do Patrimônio Cultural: a Ponte Octávio Frias de Oliveira como símbolo da cidade de São Paulo*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Tecnologia em Gestão de Turismo) – Coordenadoria de Turismo e Hospitalidade, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, 2012. Disponível em: <<http://estudosth.blogspot.com.br/2013/06/a-des-construcao-conceitual-do.html>>. Acesso em 12 set 2015.

RIBEIRO, Vanessa Costa. *Várzea do Carmo a Parque Dom Pedro II: de atributo natural a artefato – Décadas de 1890 a 1950*. São Paulo, 2012. 171 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14092012-102923/pt-br.php>>.

Acesso em 10 fev 2016.

ENTREVISTAS

BBOX, Marcelo. Entrevista [setembro 2015]. Entrevistador: Giliard Ribeiro. São Paulo, 2015. 1 arquivo mp3 (40 min).

CIA DE DANÇA 7 ARTES. Entrevista [outubro 2015]. Entrevistador: Giliard Ribeiro. São Paulo, 2015. 1 arquivo mp3 (50 min).

C, G. Entrevista [outubro 2015]. Entrevistador: Giliard Ribeiro. São Paulo, 2015. 1 arquivo mp3 (26 min).

C, M. Entrevista [fevereiro 2016]. Entrevistador: Giliard Ribeiro. São Paulo, 2016. 1 arquivo mp3 (53 min).

FONTES DA INTERNET

BORGES, Thiago. *Resistência dos pankararus na favela Real Parque*. Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/resistencia-dos-pankararus-na-favela-real-parque/>>. Acesso em 10 jun 2017

BRATKE-COLLET. *Nossa história*. Disponível em: <<http://www.bratke-collet.com.br/nossahistoria.php>>. Acesso em 15 jun 2016.

BRISOLA, Fabio. *Ponte Estaiada é desafio para os seus 420 trabalhadores*. VejaSP. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/cidades/ponte-estaiada-desafio-para-os-seus-420-trabalhadores/>>. Acesso em: 05 jul 2017.

CAPITELLI, Marici. *Morumbi Rico, Morumbi Pobre*. O Estado de São Paulo: 13 de outubro de 2002. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/censo/noticias.shtm>>. Acesso em 20 jun 2017.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Dinâmicas Urbanas na Metrópole de São Paulo*. In: LEMOS, Amalia Inés Geraiges de; ARROYO, Mónica; SILVEIRA, María Laura (Org). América Latina: cidade, campo e turismo. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/04alessand.pdf>>. Acesso em 10 jan 2016.

ESCRITÓRIO PAULISTANO DE ARQUITETURA. *Conjunto Habitacional do Real Parque*. Disponível em: <<http://www.epaulistano.com.br/real-parque---fotos.html>>. Acesso em: 20 jun 2017.

FERREIRA, João Sette Whitaker. *Cidades para que(m)? Política, Urbanismo e Habitação*. Disponível em: <<http://cidadesparaquem.org/blog/2013/3/4/provocado-a-ponte-estaiada-s-para-os-nibus>>. Acesso em 12 dez 2015.

CREDENDIO, José Ernesto; TAKAHASHI, Fábio. *Com 138 m de altura, ponte estaiada é aberta*. São Paulo, 11 maio 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1105200821.htm>>. Acesso em 15 out 2016.

FIX, Mariana. *Uma ponte para a especulação - ou a arte da renda na montagem de uma "cidade global"*. Caderno do Centro de Recursos Humanos da Universidade Federal da Bahia. Salvador, v. 22, n. 55, p. 41-64, Jan./Abr. 2009. Disponível em: <http://www.fau.usp.br/deprojeto/labhab/biblioteca/textos/fix_ponte_especula.pdf>. Acesso em: 20 out 2015.

FOLHA DE S.PAULO. Os 90 anos da Folha em 9 atos. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha90anos/877777-os-90-anos-da-folha-em-9-atos.shtml>>. Acesso em 10 jul 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Ao menos 65 mil protestam nas ruas de São Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/114598-ao-menos-65-mil-protestam-nas-ruas-de-sao-paulo.shtml>>. Acesso em 10 jan 2017.

G1. *Inauguração de ponte em SP tem protesto por moradia e ciclovias*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL465374-5605,00-INAUGURACAO+DE+PONTE+EM+SP+TEM+PROTESTO+POR+MORADIA+E+CICLOVIAS.html>>. Acesso em 10 jan 2017.

_____. *São Paulo bate a marca de 8 milhões de veículos*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/05/sao-paulo-bate-marca-de-8-milhoes-de-veiculos.html>>. Acesso em 17 set 2016.

_____. *Ponte Rio Negro ganha nome do jornalista Phelippe Daou, em Manaus*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2017/02/ponte-rio-negro-ganha-nome-do-jornalista-phelippe-daou-em-manaus.html>>. Acesso em 13 jul 2017.

HOLSTON, James. *Espaços de Cidadania Insurgente*. In: BRASIL. Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. N. 24, 1996. Pag 243-253. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=RevIPHAN&PagFis=8879&Pesq=>>>. Acesso em 27 set 2016.

JACQUES, Paola Berenstein. *Corpografias Urbanas*. Disponível em: <<http://www.corpocidade.dan.ufba.br/arquivos/Paola.pdf>>. Acesso em 20 jul 2017.

LEITE, Rogerio Proença. *Contra-usos e espaços públicos: notas sobre a construção social dos lugares Manguetown*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, fevereiro Vol 17 n. 49. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Disponível em: <http://nau.ufsc.br/files/2010/09/Proen%C3%A7a_Contra-usos-e-esp%C3%A7o-p%C3%BAblico.pdf>. Acesso em 28 set 2016.

METALICA. *Ponte Estaiada Octavio Frias de Oliveira em SP*. Disponível em: <<http://wwwo.metalica.com.br/ponte-estaiada-necessidade-geometrica-e-fundacao>>. Acesso em 10 jun 2017

MORUMBI SHOPPING. *Home Page*. Disponível em: <<http://www.morumbishopping.com.br/o-shopping>>. Acesso em 10 jun 2016.

PINI. *Tecnologia & Materiais: Conheça os finalistas do 9º Prêmio Talento Engenharia Estrutural*. Disponível em: <<http://piniweb.pini.com.br/construcao/tecnologia-materiais/conheca-os-finalistas-do-9o-premio-talento-engenharia-estrutural-238967-1.aspx>>. Acesso em 20 abr 2017.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. *Complexo Viário Real Parque. Secretaria Municipal de Serviços e Obras*. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/infraestrutura/obras_viarias/complexos_viarios/index.php?p=20026>. Acesso em 15 jan 2017.

_____. *LEI Nº 14.223, DE 26 DE SETEMBRO DE 2006*. Disponível em: <http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=28062007L%20144540000>. Acesso em 10 jul 2017.

_____. *Secretaria Municipal de Habitação: Real Parque*. Disponível em: <<http://www.fau.usp.br/arquivos/disciplinas/au/aup0278/2013.2/Real%20Parque%20FAU.pdf>>. Acesso em: 20 jun 2017.

_____. *Serviços e obras: Complexo Viário Real Parque*. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/infraestrutura/obras_viarias/complexos_viarios/index.php?p=20026>. Acesso em 10 set 2016.

RIBEIRO, Catão Francisco. *Plenária marco Ponte Estaiada*. Disponível em: <www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/.../cec/.../plenaria_marco_2008_ponte_estaiada.ppt>. Acesso em 10 jun 2017.

RIBEIRO, E. S.. *Um estudo sobre o símbolo, com base na Semiótica de Peirce. Estudos Semióticos*. São Paulo, volume 6, número 1, junho de 2010. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>>. Acesso em 03 set. 2012.

RODOVIAS E VIAS. *O novo cartão postal de São Paulo*. Revista Rodovias e Vias, Ed 33. Curitiba, 2007.

RODRIGUES, Luiz Augusto F. *Do Pensamento às Palavras: Instrumento metodológico para a análise dos discursos*. Cadernos UniFOA, n. 12, abril 2010. p. 87-95.

SAMPAIO, Leandro. *Piratininga virou São Paulo: o colégio é hoje uma metrópole. História de São Paulo*. Disponível em: < <http://www.cidadedesao paulo.com/sp/a-cidade-de-sao-paulo>>. Acesso em 17 jul 2017.

SPTURIS. *Mapa das Sensações*. Disponível em: <<http://www.mapadassensacoes.com.br/mapadassensacoes/ficha.php?id=162>>. Acesso em 07 de maio de 2012.

TÉCHNE. *Malha de estais*. Disponível em: <<http://techne.pini.com.br/engenharia-civil/132/artigo285427-1.aspx>> Acesso em: 20 maio 2017.

VEJA SÃO PAULO. *Revitalização da Favela Real Parque está em xeque: moradores do Morumbi protestam contra urbanização da região*. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/cidades/revitalizacao-da-favela-real-parque-esta-em-xeque/>>. Acesso em 20 jul 2017.

VILLAÇA, Flávio. *A produção e o uso da imagem do centro da cidade: o caso de São Paulo*. Disponível em: < <http://www.flaviovillaca.arq.br/pdf/sinop93.pdf>>. Acesso em 15 set. 2012.

YOUTUBE. Marta Suplicy. Disponível em: <<HTTPS://youtu.be/ToJTefvOTPk>>. Acesso em 15 maio 2017.